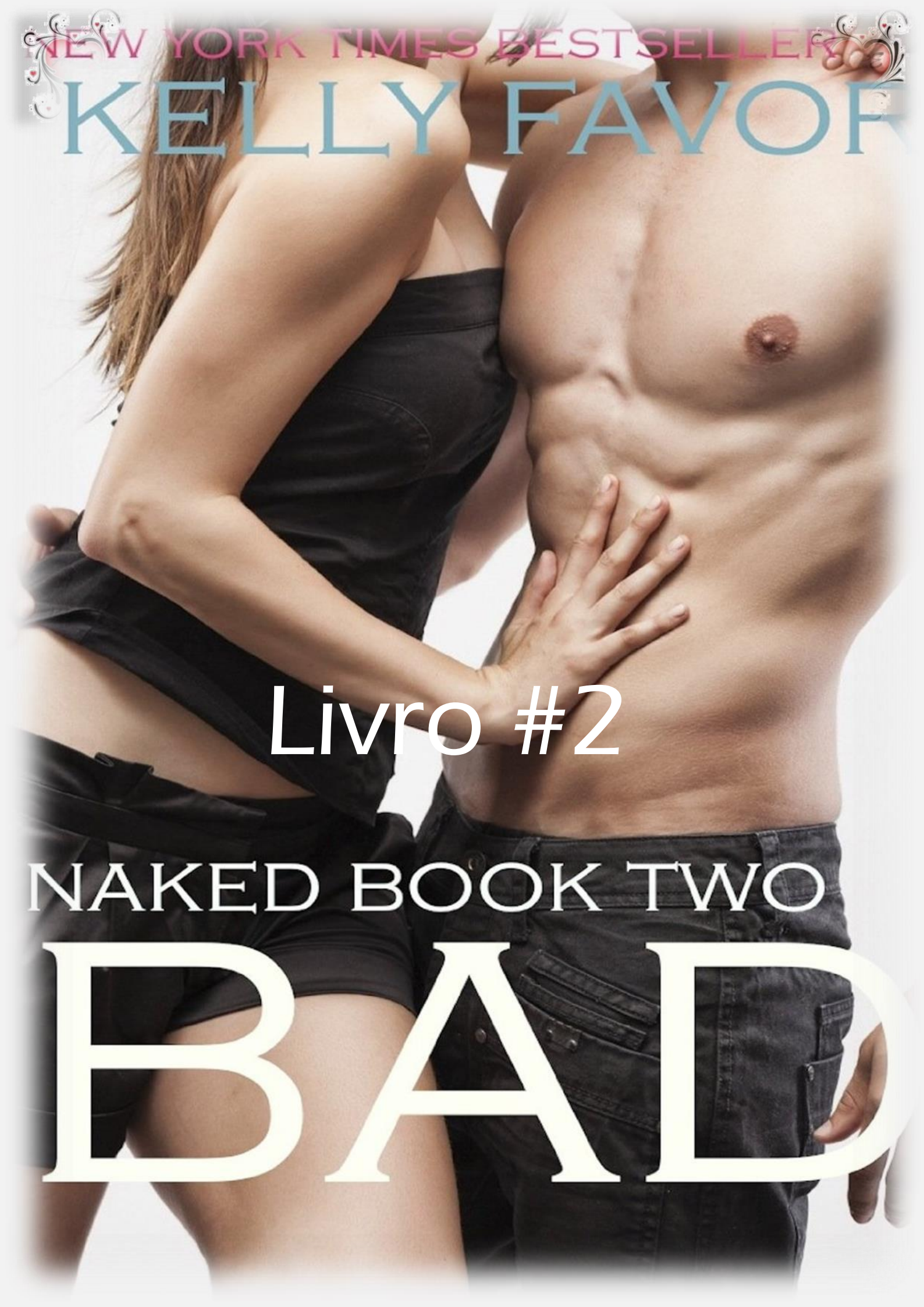
NEW YORK TIMES BESTSELLER
KELLY FAVOR
Livro #2
NAKED BOOK TWO
BAD

Tradução: Roze Franzin(ARE)

Revisão Inicial: Renata Santos(ARE)

Revisão Final: Solange Inocente(ARE)

Formatação: Roze Franzin(ARE)

Distribuição: Grupo ARE

Foi estranho voltar para o Seaside Motel depois de tudo que havia acontecido.

Abrir a porta e caminhar dentro era quase como voltar no tempo. A nota de Elijah ainda estava na mesa onde Caelyn havia deixado naquela manhã, antes de ir para seu primeiro (e aparentemente último) dia de garçonete na Flórida.

O cobertor e travesseiro que Elijah tinha usado estavam na cama, exatamente onde ele os jogou naquela manhã, antes de sair. Caelyn sentiu uma sensação súbita e intensa de tristeza se apossar dela, quase como uma cãibra.

Se apenas Elijah pudesse simplesmente sair do banheiro e lhe dar um dos seus pequenos sorrisos.

Ela quase podia imaginá-lo fazendo isso, fazendo uma piada sobre o carpete feio na sala ou talvez sobre uma das pessoas estranhas que estavam hospedados na porta ao lado.

Caelyn sorriu, só de pensar nele brincando e a maneira como seus olhos se enrugavam de certa forma, quando ele achava algo engraçado. Mas, então, seu sorriso desapareceu quando ela se lembrou que nada disso era real. Elijah não ia sair do banheiro.

Ele tinha sido levado para a cadeia e as conexões poderosas de Jayson, provavelmente, teriam a certeza de que Elijah permanecesse na prisão por um tempo muito longo.

A cãibra de tristeza voltou pior do que antes. O quarto estava tranquilo e deprimente, sem Elijah lá para aliviar o clima e fazê-la sentir-se em casa.

Ela não tinha notado isso no outro hotel. Ela não percebeu que sua presença poderia fazer os lugares mais escuros parecerem brilhantes e de alguma forma com esperança.

Caelyn deitou-se na cama, ao lado de velho cobertor e travesseiro de Elijah, puxando-os contra ela, empurrando o nariz contra o travesseiro. O cobertor era verde e arranhava contra sua pele. Ela tentou inalar seu cheiro, tentou estar perto dele novamente de alguma forma.

E então as lágrimas vieram, e vieram mais fortes do que o esperado.

Ela chorou por uma série de razões.

O telefonema para a mãe dela tinha sido desagradável, para dizer o mínimo. Mesmo pensando que foi desagradável. Desagradável também foram as medidas tomadas na delegacia de polícia, sentindo-se tão só quanto ela já se sentiu.

A voz de sua mãe tinha vindo na linha, inicialmente feliz em ouvir Caelyn, mas depois aumentando cada vez mais confusa.

- Florida? - Sua mãe havia perguntado, pelo menos quatro ou cinco vezes.

- Sim, mãe, Florida. Eu estou presa na Flórida. Você pode me reservar um bilhete para casa?

- Mas eu não entendo. O que você está fazendo aí, Caelyn? - Sua mãe havia dito, quase implorando por uma resposta que faria sentido das coisas. Implorando para ouvir algo que não iria forçá-la a mudar totalmente o que pensava sobre Caelyn como pessoa, porque ela nunca pensaria que Caelyn iria apenas largar tudo e fugir para a Flórida.

Caelyn não tinha dado a sua mãe uma resposta sobre o porquê dela ter deixado Boston e sobre as centenas de quilómetros percorridos, sem dizer nada a ninguém.

O telefonema tinha sido tão curto quanto ela poderia fazê-lo. Ela não estava pronta para falar sobre tudo o que tinha acontecido, ela só precisava voltar para Boston.

Mas você só vai voltar por causa dele.

Saindo de sua memória do telefonema temido, Caelyn sabia que era verdade. Ela não ia voltar porque estava sem dinheiro, com medo de ficar na Flórida por conta própria ou porque ela queria voltar para a faculdade.

Ela estava indo para casa, porque um cara que ela tinha conhecido há menos de uma semana poderia ser condenado à prisão em Massachusetts. E se Elijah estivesse dentro ou fora da cadeia, Caelyn sabia que ela tinha que estar lá para ajudá-lo.

Parecia loucura, mas era a verdade.

Ela se deitou na cama por um longo tempo, com a cabeça sobre o travesseiro que Elijah tinha usado, envolvendo os braços em torno desse cobertor velho e pensando nele. O que ele tinha feito por ela no restaurante tinha sido horrível, violento e... heroico.

Caelyn sabia que ele só estava defendendo-a do homem que a tinha machucado além da crença. Ela não poderia ficar zangada com Elijah por tentar protegê-la, mesmo que ele tenha ido longe demais ao fazê-lo.

Elijah tinha destruído Jayson como se fosse nada, atirado em torno dele como um pequeno gato. Ela quis saber como ele tinha feito isso, também, porque Jayson ficou como uma flor murcha e magra. Jayson era um cara muito grande, muito forte, e ela teria imaginado que ele sabia como se defender em uma luta.

Mas, obviamente, Jayson não sabia como lutar ou ele não tentaria em relação a Elijah.

Parte dela estava feliz que Elijah tinha ferido Jayson, o fez sentir medo e dor, assim como tinha feito Jayson para ela. Ela deveria odiar Elijah por fazer algo violento em seu nome, mesmo que ela nunca tenha pedido isso a ele?

Bem, ela não o odiava. Longe disso.

Ele é uma má notícia.

Caelyn apertou os olhos bem fechados. Seus próprios pensamentos e opiniões estavam lutando entre si e ela não sabia qual era a coisa certa a fazer ou pensar.

Poderia Elijah ser uma pessoa verdadeiramente ruim apenas porque ele tinha uma história escura? O policial que havia dito as infrações de Elijah, o tinha feito ser comparado a um criminoso como Tony Soprano.

No entanto, ela não achava que ele era mau de todo. Seus instintos lhe diziam que Elijah tinha um bom coração.

Seus instintos também lhe disseram que Jayson era um bom rapaz, e lembra-se como acabou?

Caelyn sentou-se na cama. O telefone estava tocando. Provavelmente sua mãe ou pai, ligando para dizer a ela sobre seu voo para o dia seguinte.

Ela foi e pegou sua bolsa, encontrou o telefone e rapidamente respondeu, sem sequer olhar para o identificador de chamadas.

- Olá - ela disse, já se preparando para a voz sombria de sua mãe e as possíveis perguntas a seguir.

Mas não era a voz da mãe do outro lado da linha. Em vez disso, ouviu-se uma pré-gravação anunciada. - Você recebeu um telefonema de um preso da Cadeia Sarasota Country. Você vai aceitar a ligação?

- Sim. - ela respondeu, sem sequer pensar.

Houve alguns cliques e um sinal sonoro rápido e em seguida, ela ouviu algumas estáticas na linha.

- Olá - ela disse, com a voz embargada de nervosismo. Seu coração batia tão rápido que ela puxou sua camisa longe de seu peito para que ela não a visse em movimento.

- Eu sou, provavelmente, a última pessoa que você estava esperando te ligar. - disse ele. Sua voz soou baixa e uma pouco abafada, mas ainda era Elijah.

- Como você conseguiu esse número? - Disse.

- Eu tenho os meus caminhos.

- Estou falando sério, Elijah. Nós nunca trocamos números. - Ela ainda estava tentando aceitar o fato de que era realmente ele. Ela queria ouvir sua voz de novo tanto que era como se ela tivesse manifestado a chamada para fora da mente.

Seu corpo estava dormente, a cabeça girando.

- Tudo bem - disse ele. - A verdade é que no outro dia, quando estávamos no hotel e você usou o banheiro, eu peguei seu telefone celular e usei para chamar o meu. Dessa forma, eu sabia que ia ter o seu número no meu identificador.

- Está tudo errado. - disse ela, tentando sentir um pouco de raiva, mas não sendo bem capaz de fazê-lo. Ela estava feliz por ele ter seu número, mesmo que tivesse feito algo um pouco sombrio para obtê-lo.

- Eu sei que, provavelmente, atingi número o três ou quatro da lista, pelo menos. - disse Elijah,- mas eu estava esperando obter seu perdão, sob as circunstâncias.

Caelyn voltou para a cama e sentou-se sobre ela, sorrindo um pouco, reunindo o cobertor velho verde em uma das mãos enquanto ela falava. - Está tudo bem, eu estou realmente feliz que você ligou. - disse ela.

- Onde você está? - Questionou.

- De volta ao motel.

- Você está bem?

Ela pensou sobre isso. - Melhor, agora que eu estou falando com você.

Ele riu. - Vamos lá, você está apenas dizendo isso para me fazer sentir bem.

- É a verdade. - Ela mordeu o lábio. - E você, Elijah?

- E quanto a mim, Caelyn?

A maneira como ele disse o nome dela a fez vibrar com borboletas no estômago. Ele disse de brincadeira, mas também com uma espécie de tom desafiador, como se dissesse que ele não iria deixá-la fugir com qualquer coisa.

- Eu quero saber se você está bem. - ela disse a ele.

- Tão bem quanto eu posso estar, considerando que eu estive numa cela em um prazo de seis ou oito últimas horas.

- Existe alguma chance de que você possa sair?

- Sair como? A coisa toda de fuga da prisão não funciona tão bem na vida real.

- Tem alguém que pode ajudá-lo?

Ele riu de novo, mas desta vez ele parecia meio perdido. - Não tão cedo, garota.

- Isso não parece justo, que você está preso na cadeia e Jayson livre. Eu disse a polícia sobre Jayson e o que ele fez para mim.

Elijah ficou em silêncio por um tempo. Quando voltou a falar, ouviu emoção em sua voz.

- Você disse a polícia sobre isso? Você disse que nunca diria à polícia.

- Eu sei, mas eu meio que precisava dizer a eles. Caso contrário, não teriam entendido por que você fez o que fez, que você estava me defendendo.

- Você disse a eles sobre você e Jayson, por minha causa?

- Sim.

Ela ouviu o som de sua respiração exalando no telefone. - Caelyn, você não deveria ter feito isso por mim. Eu nunca teria lhe pedido para fazer isso.

- Foi a coisa certa a fazer.

- Eu estou indo para a cadeia, não importa o quê, porque eu violei minha liberdade condicional quando saí do Estado. E uma vez que seu amigo Jayson traz acusações contra mim, só vai fazer a minha estada um pouco maior.

- Você não sabe, com certeza. - disse ela, mas seu coração estava afundando.

- Basicamente. Não é a minha primeira vez neste rodeio.

- Você soa como se estivesse no quarto, comigo. - disse ela, de repente querendo mudar o assunto.

- Eu desejo que eu estivesse no quarto. - ele respondeu, sua voz ficando rouca. - Você não tem ideia do que eu daria para estar ai, apenas por cinco minutos.

Houve uma longa pausa enquanto ela fechou os olhos, imaginando- o também. - Parece que você está realmente aqui, quando eu fecho os olhos e apenas ouço a sua voz.

- O que você está fazendo agora? - Questionou.

- Estou sentada na cama, no quarto do motel. - Ela decidiu não incluir o fato de que ela estava segurando o cobertor verde que ele usara na noite anterior, porque, então, ele poderia decidir que ela era muito louca para lidar, afinal.

- Você deve se acomodar. - disse ele, em voz baixa. – Tenta relaxar.

- Você está me dizendo para relaxar? - Disse ela, balançando a cabeça. - Eu sinto que eu deveria ser a única a tentar acalmá-lo um pouco.

- Eu estou bem. Isso não é novidade para mim.

O pensamento a fez dolorosamente triste. Elijah tinha passado por isso tantas vezes que estar na cadeia não parecia incomodá-lo tanto assim. Ela se perguntou quantos dias e noites que ele passou sozinho numa cela, com ninguém para conversar, ninguém que se importasse de uma forma ou de outra.

Mas então, ela pensou, *eu estou supondo as coisas*. Ele provavelmente tinha muitas namoradas no passado que eram preocupadas com ele e pensavam nele, enviavam-lhe cartas e e-mails.

Você realmente não sabe tudo sobre Elijah. Você ainda não aprendeu a lição, não é Caelyn?

Ela não conseguia decidir se a voz em sua cabeça era a voz de sua mãe ou algo em seu próprio sistema de alerta interior.

- Apenas se acomode Caelyn. - disse Elijah. Sua voz era severa, mas ainda era como um irmão mais velho tentando colocar a sua irmã mais nova na linha.

- Eu poderia fingir me acomodar. - disse ele. - Você não saberia de qualquer maneira.

- Sim, eu saberia. - A declaração foi simples, como se Elijah acreditasse que ele pudesse ler sua mente.

- Você realmente acha que você é muito mais esperto do que eu?

- Não é que eu sou mais inteligente. Eu só conheço você.

Parte dela estava irritada, mas a outra parte estava estranhamente satisfeita com isso. Era um pequeno jogo e isso fez tudo se sentir menos grave, de alguma forma.

- Tudo bem. - Ela decidiu que iria se deitar na cama depois de tudo. Foi reconfortante, de alguma forma, ouvir a voz de Elijah em seu ouvido e fazer o que ele lhe disse para fazer.

- Você está mentindo agora? - questionou.

- Sim. - Por alguma razão, sentia-se muito vulnerável. Sua respiração era mais rápida e seu pulso tinha corrido com velocidade.

- Se eu estivesse aí com você, eu a seguraria em meus braços.

Ela suspirou ao telefone. - Eu tenho pensado muito sobre aquela noite, no quarto do hotel. - ela disse. - Você sabe aquela noite, quando eu me apavorei e você ficou comigo?

- Sim. - disse ele. - Eu me lembro dela. Eu penso sobre isso também.

- Você pensa?

- Todo o tempo. Segurando você em meus braços, toda a noite, foi uma das melhores coisas que já aconteceu na minha vida.

Ela riu um pouco. - Não tem muito divertimento, Elijah.

- Eu não estou tirando sarro. Estou falando sério.

- Você não pode ir embora. - disse ela, de repente, assustada. - Não quando acabamos de nos conhecer, não tivemos sequer uma chance...

- Não penso nisso. Eu aprendi da maneira mais difícil que é melhor apenas aceitar tomá-lo dia a dia.

- Quanto mais tempo você pode ficar no telefone?

- Alguns minutos. Não muito.

Ela sentiu seus olhos começarem a arder quando ela percebeu que muito em breve ela estaria sozinha neste quarto, com nada, mas com o silêncio como companhia. - Eu não quero que você vá - ela sussurrou.

- Não pense sobre isso. - ele disse a ela. Sua voz estava totalmente calma e completamente autoconfiante, como se ele não tivesse dúvidas ou preocupações. Por tudo o que sabia talvez ele não estivesse na cadeia nesse momento, mas apenas descansando em uma praia em algum lugar.

O pensamento a fez sorrir, até que ela se lembrou da mensagem pré-gravada que lhe havia dito de onde a chamada estava vindo. Seu sorriso desapareceu.

Não pense nisso, disse a si mesma. *Apenas aproveite o momento*.

- Ok, eu só quero ouvi-lo. - disse ela.

- Neste momento, estamos juntos. Você e eu, no Seaside Motel. Feche os olhos, Caelyn.

Ela fez o que ele disse. Fechou os olhos e segurou o telefone celular próximo ao seu ouvido, envolvendo o cobertor em torno de seu corpo. - Você parece... quente. - ela disse a ele.

- Isso é porque eu estou com você, segurando você apertada e mantendo-a aquecida. - disse ele. - Eu tenho meus braços em torno de você e eu estou correndo os dedos através de seu cabelo. Você pode sentir isso?

Ela assentiu com a cabeça. - Sim. - E por incrível que pareça, ela podia sentir isso. Talvez tenha sido um tipo estranho de hipnose, mas Caelyn poderia jurar que ela realmente sentiu os dedos lentamente deslizando pelos cabelos, fazendo cócegas em seu couro cabeludo.

- Eu coloquei meus lábios contra a parte de trás do seu pescoço e sussurrei, você pode sentir a minha respiração em sua pele.

Ela estremeceu com a delícia do que ele estava dizendo a ela. - Se somente...

- Não, nada de ‘se '. É real, se você deixar ser real.

- Eu estou tentando o meu melhor. - Ela se acomodou de novo, tentando relaxar e imaginando o que ele estava dizendo.

- Você sabe que eu vou te proteger. - disse ele. - Você pode confiar nisso.

- Como posso confiar nisso? Eu nem sequer o conheço, Elijah.

- Mas você pode dizer, não pode? Você sabe que o que estou dizendo é verdade.

- Eu acho que eu sei, mesmo que isso não faça sentido, como posso confiar em você quando eu não sei quase nada sobre sua vida, de onde você veio, qualquer coisa. - Mas, novamente, ela tinha visto Elijah arriscar a própria vida para protegê-la de Jayson. Ele só foi preso agora, porque ele colocou a cabeça no corte por ela.

- Então confie em mim. - disse ele. - Eu estou aí com você, agora, neste exato momento. Estou falando em seu ouvido, estou segurando você em meus braços.

Ela estava relaxando agora, de alguma forma. Sua voz estava derretendo-a, permitindo que ela se sentisse segura e protegida, permitindo que suas defesas caíssem. Mas algo ainda mais estranho estava ocorrendo.

Caelyn se viu ficando excitada.

Num momento, seus olhos estavam fechados e ela estava sorrindo, imaginando Elijah correndo os dedos pelos seus cabelos. Em seguida, ela sentiu seu corpo inteiro ficando quente, despertado por sua voz. Ela percebeu de repente, que ela queria Elijah para falar sobre mais do que apenas abraçando-a.

- O que mais? - Ela perguntou, sentindo-se impaciente.

- O que mais? - Disse ele, com um pouco de riso rastejando em sua voz.

- Eu só gosto de ouvir você falar assim.

Ele suspirou, mas não foi um suspiro de tédio. Em vez disso, Caelyn pensou que ele parecia exasperado, que eles estivessem tão distantes agora. - Eu fico pensando sobre aquela noite no hotel e como você veio para fora do banheiro em sua toalha.

Caelyn riu e colocou a mão sobre o rosto. - Oh meu Deus, isso foi embaraçoso. Minha cara praticamente caiu no chão, depois de correr de você para dentro do banheiro.

- Está tudo bem. Eu gostei.

- Você gostou?

- Eu gostei. Muito.

Ela sentiu seu rosto corar ainda mais. - Isso faz com que seja um pouco menos complicado de se lembrar.

- Todo esse tempo sentado em uma cela, a única coisa que eu consigo pensar é em como eu devia ter te beijado naquela noite.

- Elijah...

- Não, deixe-me dizer isto. Lamento que eu nem sequer tentei.

- Eu admiro que você estivesse tentando ir devagar.

- Eu sei, mas agora isso pode ser longo, longo tempo...

- Lembre-se de se acalmar no momento. - disse Caelyn. - Como você me disse para fazer.

- Merda, eu nunca fui muito bom em seguir o meu próprio conselho.

Caelyn rolou sobre seu estômago. - Se você estivesse aqui agora, eu beijaria você. - ela disse a ele.

- Sim?

- Sim. Eu o faria. Com certeza.

Ele riu. – Talvez, algum dia, possamos reviver aquela noite. Você pode correr para fora do banheiro, em sua toalha e ver como fica.

Caelyn tentou imaginá-la saindo de um banheiro cheio de vapor, toalha enrolada no torso, não cobrindo qualquer parte bem o suficiente. E, em seguida, Elijah, ali de pé, sem a camisa, seu peito nu e bíceps seriam muito firmes quando ela caísse nele. E então eles olhariam um nos olhos do outro, os lábios mover-se-iam lentamente mais perto...

- Você não tem ideia do que eu faria com você, Caelyn. - Sua respiração era profunda e sua voz era suave, promissora. Não era uma ameaça, não era assustador. Ela queria descobrir. Ela queria saber mais do que ela poderia mesmo suportar.

- Eu acho que eu poderia ter uma ideia. - respondeu ela.

E então, houve um beep beep na linha e uma série de estalidos.

- Elijah! - ela gritou, sentando-se na cama, com os olhos bem abertos. - Você ainda está aí?

Mas ele se foi.

Ele tinha acabado.

A sala estava agora vazia, muito quieta, tudo parecia sujo e úmido por causa da umidade da Flórida.

O sentimento de perda foi ainda mais intenso agora, como se ela tivesse outra chance com Elijah e ela tivesse sido roubada de repente, dela novamente.

Não parecia justo. Não parecia certo.

O que Caelyn sabia era que ela tinha muitas horas sem dormir, antes de sair desse terrível solitário quarto e não havia muito a fazer para passar o tempo, mas pensar e pesar.

A noite se estendia diante dela como uma estrada longa e solitária, que ela tinha de andar sozinha.

***

Era cedo na manhã seguinte, quando seu avião pousou no aeroporto de Logan.

Caelyn tinha tentado dormir no avião, mas ela estava sentada na frente de um menino, que gostava de chutar a parte de trás de seu assento uma vez a cada dois ou três segundos. Entre o assento chutado e ele perguntando a sua mãe o que cada coisa no avião se chamava, Caelyn tinha permanecido muito desperta o voo inteiro.

Então, agora ela estava exausta de não ter dormido bem e preocupada em ver os pais, acima de todo o resto. Mas, apesar de sua ansiedade em voltar para casa, ela ainda não conseguia parar de pensar nele.

Mesmo que eles tivessem passado um período relativamente curto de tempo juntos, Caelyn podia visualizar cada traço do rosto de Elijah de forma tão clara, especialmente aquele pequeno sorriso furtivo que ele usava ao dar-lhe um tempo duro.

O avião parou no portão e os passageiros começaram o lento processo de desembarque para fora e para dentro do aeroporto.

As aeromoças estavam sorridentes, seus rostos eram uma visão desagradável para Caelyn. Enquanto elas se despediam e agradeciam todos os passageiros por voar com eles, tudo o que podia pensar era que ninguém deveria estar feliz agora.

Não parecia real. Lá fora, o céu de Boston era cinza pesado e metálico, estavam em sintonia com a forma como Caelyn se sentia. Seu mundo tinha se tornado nebuloso e as pessoas ao seu redor pareciam tão insubstanciais como aquelas em um sonho.

Quando ela chegou ao portão, eles estavam lá, mamãe e papai, com seus rostos apertados e ansiosos, enquanto sua pele tinha sido puxada para trás, forçando-a a fazer uma careta ligeiramente.

Ela caminhou lentamente em direção a eles, desejando não quebrar e chorar.

Você precisa ser forte agora, disse a si mesma. Você precisa se lembrar por que você voltou. Seja forte para Elijah, da maneira como ele foi para você.

Uma vez que ela chegou a seus pais, a mãe de Caelyn jogou os braços em volta dela e abraçou-a como se ela tivesse acabado de voltar dos mortos. – Oh, meu Deus! - disse sua mãe, em seu ouvido. - Você nos tinha assustados com um medo

de morte, Caelyn. - E então ela começou a soluçar, balançando, enquanto ela apertava Caelyn mais e mais.

- Está tudo bem, mãe. - disse Caelyn, imaginando como as coisas tinham se invertido de modo que ela estava de alguma forma a consolar sua mãe.

Seu pai não estava tão emocional. Ele deu em Caelyn um grande abraço e depois olhou-a nos olhos. - Você está bem? - disse. Seus lábios estavam apertados e seus olhos estavam mais sérios do que ela era acostumada.

Ela assentiu com a cabeça. - Eu estou bem.

- Você quer falar sobre isso? - Disse.

Ela balançou a cabeça. - Agora não. Mais tarde.

Ele franziu a testa, de forma sutil. Caelyn sabia que ele não gostou de sua resposta. *Melhor se acostumar com isso*, pensou.

Os três caminharam juntos, seu pai carregando sacolas de Caelyn e sua mãe levando-os em direção ao estacionamento, onde o carro estava.

O atendente acenou completamente e eles saíram do estacionamento para a rodovia.

Os olhos de seu pai a fitaram no espelho retrovisor.

Caelyn virou o rosto para a janela, observando as estradas e todos os carros que dirigiam para destinos desconhecidos. Ela se perguntava onde Elijah estava nesse exato segundo? Será que ele estava pensando nela?

- Está tudo bem se você precisar levar um par de dias de folga. - disse a mãe, depois de um longo silêncio. - Nós compreendemos que as pressões de uma

educação Ivy League são, provavelmente, muito mais estressante do que você está acostumada.

- Qualquer um poderia ficar sobrecarregado. - seu pai acrescentou.

Caelyn teve que reprimir um sorriso. Então, eles estavam assumindo que ela surtou por causa de sua escola, carga de trabalho ou algo assim. Ela não podia culpá-los, afinal, ela não tinha dito nada a eles, de modo que eles foram forçados a pensar nas possibilidades por conta própria.

- Você tem razão, tem sido muito estressante. - disse ela. Fazê-los sentir que ela estava dando-lhes respostas sem realmente dizer-lhes qualquer coisa, era a chave agora. Claro, ela odiava que pensassem que estava tendo problemas para lidar com a pressão acadêmica, mas ainda era melhor do que dizer-lhes a verdade.

***

Depois de chegar a casa, os pais de Caelyn lhe permitiram levar algum tempo sozinha em seu quarto, ela usou para ficar on-line e fazer alguma pesquisa sobre as violações de liberdade condicional em Massachusetts e quais eram algumas das possíveis penalidades.

Não foi uma boa notícia. O abandono do Estado foi uma violação automática, o que poderia facilmente levar o conselho de liberdade condicional por decidir colocá-lo de volta na cadeia. O que tornou as coisas ainda piores foi que voltar para prisão era praticamente automático se você fosse condenado por outro crime, enquanto em liberdade condicional.

Se Jayson fizesse acusações contra Elijah, iria acusar quase com certeza, ele ficaria sendo recluso por um longo período de tempo. Ela não queria nem pensar em não ter a chance de passar um tempo com Elijah por dois, três anos, talvez até mais do que isso.

Como poderia a sua relação com Elijah sobreviver se passasse anos na prisão quando eles mal tinham ficado juntos no mundo exterior por mais de um par de dias? Nunca iria funcionar. Ela estaria na escola, graduando-se, tentando fazer uma carreira para si mesma e ele ainda estaria sentado em uma cela.

Mas pior do que isso, Elijah não teria a chance de ser o homem que ela sabia que ele era capaz de ser.

Depois de ler todas essas coisas, ela não queria sair de seu quarto.

Nada parecia valer a pena para ela, mas precisava esconder o que a sua vida tinha se tornado. Ela não queria ver a sua família, falar com ninguém ou pensar sobre as decisões difíceis que tiveram que ser feitas.

Mas, em seguida, houve uma batida em sua porta.

- Vá embora, por favor. - disse ela. - Eu estou dormindo.

- Mamãe quer que você venha comer. - sua irmã mais nova, Deena, chamou a partir do corredor.

- Eu não estou com fome.

- Ela fez ovos e torradas.

- Não estou interessada.

- É melhor você vir. - Deena respondeu, um toque de aviso em sua voz agora.

Caelyn suspirou profundamente, levantou-se da cama e abriu a porta. Deena estava lá, com um sorriso satisfeito no rosto. Ela estava usando um suéter, calça

jeans e seu cabelo castanho claro, estava puxado firmemente para trás, em um rabo de cavalo. Caloura no ensino médio, ela parecia mais velha do que sua idade.

- Você pode dizer à mamãe que eu não me sinto bem e que estou horrível?

- Você parece horrível. - disse Deena.

Caelyn sorriu e acenou para sua irmã mais nova. – Obrigada.

- Você disse em primeiro lugar. - Ela olhou Caelyn de cima a baixo. - Você sabe, você realmente assustou a mãe e o pai. Ouvi-os falar toda a noite passada e mamãe estava chorando.

- Eu não estava tentando assustá-los.

- Você não se preocupa com ninguém além de si mesma?

Caelyn olhou para ela. Assim era exatamente como Deena tentava reverter essa situação em algo que poderia elevá-la e transformar Caelyn na irmã má. Deena, por alguma razão, sempre pareceu se ressentir por Caelyn ser uma grande realizadora, sempre procurou maneiras de trazê-la para baixo e superá-la.

Caelyn não se sentia competitiva com a irmã, mas de alguma forma, Deena deve ter ficado todo o genes da competição, porque eles nunca pareceram quando precisou.

- Dee. - disse ela, propositadamente usando o apelido de infância de Deena que ela sabia que a irritava: - Eu não estou tentando perturbar a todos. Eu tenho os meus próprios problemas, minha própria vida e não é realmente qualquer um dos seus negócios de qualquer maneira. É entre mim, mamãe e papai.

Deena cruzou os braços. - Primeiro de tudo, meu nome é Deena, não Dee. Em segundo lugar, é o meu negócio, porque a mãe disse que é.

- Como assim?

- Você entenderia se você descesse e conversasse com a mãe.

- Tudo bem. Seja o que for. - Caelyn pegou o celular dela fora da cama e seguiu sua irmã, no andar de baixo, para a cozinha.

Seus pais haviam mudado para suas roupas de trabalho, seu pai usava calça cáqui, um botão aberto para baixo na camisa. Ele era o gerente de um grande escritório imobiliário, há 45 minutos de casa.

Sua mãe estava vestida em um terno formal. Seu cabelo e maquiagem foram feitas e ela parecia bem, mas suas linhas de expressão estavam aparecendo. Ela era uma diretora de relações públicas da Bristol Farms, empresa de alimento e bebida, que ela está trabalhando por mais de dez anos. Ela começou na fábrica e trabalhou seu caminho até uma posição elevada, algo que ela era extremamente orgulhosa.

Ela estava colocando ovos mexidos e torradas em um prato para Caelyn e olhando-a em seu lugar de sempre na mesa.

- Ela não queria vir para baixo, mas eu disse a ela que tinha que vir. - Deena anunciou, enquanto ela se sentava e pegava um garfo.

Caelyn atirou a sua irmã um olhar, mas não se incomodou em responder. Ela sentou-se.

- Estamos felizes que você pode se juntar a nós. - disse seu pai, olhando de forma avaliadora para ela. Ele parecia prestes a dizer outra coisa, então decidiu não fazer e apenas mordeu sua torrada.

Sua mãe não estava nem olhando para ela.

Todo mundo começou a comer e foi tudo muito tranquilo e desajeitado.

Finalmente Deena suspirou. - Posso dizer a ela?

- Dizer-me o quê? - Disse Caelyn. Ela mal tinha tocado na comida, seu apetite era inexistente.

- Que eu sou responsável por você agora. - disse Deena, sorrindo.

- O que ela está falando? - Perguntou Caelyn, olhando para seus pais, na esperança de que iriam contradizer Deena. Mas eles não fizeram.

Em vez disso, sua mãe pegou um guardanapo e brincou com ele de braços cruzados. - Seu pai e eu temos que ir para o trabalho, então, obviamente, não podemos estar aqui para você. Mas a sua irmã sim.

- Minha irmã mais nova. - corrigiu Caelyn.

- Eu vou ter dezessete. - disse Deena.

- Em oito meses.

A mãe de Caelyn silenciou-as com um olhar. - Sua irmã concordou em tirar alguns dias de folga da escola para que possa ficar com você.

- Por quê? Eu não preciso dela aqui comigo.

- Porque você está agindo como uma louca. - disse Deena.

- Eu não preciso de uma babá. Eu estou bem.

Seu pai endireitou o punho direito da camisa, limpando um pedaço de sujeira do material. - Nós apenas queremos ter certeza.

Caelyn tentou ignorar o rosto radiante de sua irmã, que estava comendo isso como se fosse um chocolate sundae.

- Nós estamos todos apenas preocupados com a sua saúde mental. - disse Deena, fixando sua expressão para parecer genuinamente preocupada.

Caelyn abriu a boca para tentar por sentido em sua mãe e pai, mas antes das palavras saírem, o telefone começou a tocar. Ela olhou para o identificador de chamadas e viu o mesmo número a partir de onde Elijah havia chamado na noite anterior. – Merda. - disse ela.

- Caelyn, a linguagem, por favor! - Sua mãe repreendeu.

Ela levantou-se apressadamente. - Desculpe, eu tenho que atender isso.

Quando ela saiu da mesa, Caelyn viu seus pais trocando olhares apreensivos.

Ela ignorou-os, saindo da cozinha e do corredor. Então ela lhe respondeu ao celular.

Primeiro veio à gravação automática, perguntando se ela aceitaria a chamada da cadeia do condado, para a qual ela respondeu "sim".

Seu pulso estava correndo novamente, e ela lambeu os lábios.

- Olá? - A voz de Elijah veio através da linha, soando um pouco distante, trepidando com estática.

- Oi. - ela disse, sorrindo só de ouvi-lo.

- Eu tive mais uma chance, então eu pensei que eu deveria ligar de novo. Eu queria te dizer que provavelmente estarei de volta em Massachusetts esta noite. Não tenho certeza se eles vão me deixar usar o telefone quando eu chegar lá.

- Sério? - Disse. - Estou de volta já.

- Você voou de volta para Boston? Você está de volta na escola?

- Hummm ... não exatamente.

De repente, por trás dela, a voz de Deena falou agressivamente. - Com quem você está falando, Caelyn?

Ela virou-se e acenou para a irmã mais nova sair. Deena não se mexeu.

Elijah tinha dito alguma coisa, mas ela não tinha ouvido falar, por causa da interrupção de Deena.

- O que você disse? - Caelyn perguntou-lhe, com a voz tensa agora.

Ele tentou novamente. - Eu disse...

- Caelyn, que é isso? - Deena interrompeu: - Mamãe e papai estão esperando por você. Você está agindo como uma louca, sendo misteriosa.

Caelyn colocou o telefone contra o peito. - Deena, é melhor você ficar bem longe de mim, eu juro. Preciso atender esta chamada.

- Quem está falando? O que você está tentando esconder de sua família?

- VAI. - Caelyn apontou para o corredor, mas Deena apenas continuou ali de pé, com os braços cruzados.

Caelyn colocou o telefone de volta ao seu ouvido. – Hey - ela disse. - Eu não ouvi o que você disse, eu fui interrompida.

Houve um silêncio. - Eu tenho pensado muito sobre você. - disse ele.

Ela sorriu. Ela queria dizê-lo de volta, mas então ela viu o rosto de Deena com o canto de seu olho. – Obrigada. - disse ela. - Eu também. - acrescentou sem convicção.

- Agora é um mau momento? - perguntou Elijah. - Eu estou sentindo uma vibração estranha de você agora. - Sua voz de repente estava armada, desconfiada.

- Bem, é só que eu estava tomando café da manhã com a minha família e...

- Ah, certo. Eu entendi. - ele interrompeu.

- Não é um bom momento para conversar. - ela terminou. Ela percebeu tarde demais que isso tinha saído errado. Com sua irmã vendo e ouvindo, ela conseguiu ficar estressada e não se sentia livre para ser honesto com ele.

- Olha, eu entendo. - disse ele. - Você está em casa com sua família, de volta à vida real. Você não pode ter algum criminoso chamando-a e incomodando-a.

Ela quase disse o nome dele, mas depois percebeu que não podia correr o risco de Deena saber quem ele era. - Não é assim. - disse ela, sentindo-se totalmente perdida. Confusa.

- Não se preocupe com isso. Eu não vou incomodá-la mais, Caelyn. Você vai voltar para a sua vida real e eu esquecer você existiu. Você vai ficar melhor de qualquer maneira.

- Espere, não desligue.

Mas ela estava falando com um telefone morto. Ele já tinha ido embora.

Caelyn sentiu lágrimas ardendo nos olhos. Ela olhou para Deena. - Por que diabos você não me deixa em paz? - ela disse.

- Porque eles me disseram que não.

- Eles não disseram para você escutar minhas conversas privadas.

- Como você sabe?

Caelyn sentiu uma raiva vir sobre ela, fria e intensa. Sua irmã tinha arruinado totalmente sua chance de falar com Elijah, para ouvir a sua voz, sentir-se perto dele novamente. Pior do que isso, agora Elijah estava sob a impressão de que ela estava em casa e decidida a tentar fingir que a coisa toda com ele nunca aconteceu, que seu relacionamento não significava nada, porque ele era inconveniente para sua privilegiada vida.

De alguma forma, Caelyn pensou, ela teria que provar que ainda queria ver e falar com ele, que ela nunca o descartaria por ser inconveniente.

Deena voltou para a mesa da cozinha e Caelyn a ouviu murmurar algo para seus pais.

Caelyn não poderia dizer que estava sendo dito, mas ela tinha certeza que era pouco lisonjeiro e insultante.

Mas esse não era o problema agora. Ela estava quebrando seu cérebro para achar uma forma de mostrar que Elijah tinha entendido errado, que seus sentimentos não tinham simplesmente mudado durante a noite.

Ele se sacrificou por ela e ela precisava fazer um sacrifício por ele.

E foi aí que uma ideia bateu nela.

Ela poderia fazer um sacrifício por ele, algo que iria fazer uma diferença real na vida dele. Ela provaria a ele, sem sombra de dúvida, que seus sentimentos por ele eram reais.

Tudo começou com Jayson.

Se Jayson retirasse as acusações contra Elijah, ele poderia não ter que voltar para a prisão. O delito de deixar o Estado não era tão grave como a acusação de agressão, ela sabia disso a partir de suas pesquisas online.

E havia uma maneira óbvia para convencer Jayson a retirar as acusações contra Elijah.

Caelyn pegou seu telefone e rapidamente escreveu a Jayson um texto. Ela se sentiu mal do estômago só de ver seu nome lá, em preto e branco. Mas ela tinha que fazê-lo. Esta era sua única chance real, ela percebeu, tinha que ajudar Elijah e tornar possível vê-lo do lado de fora de uma visita no presídio.

Caelyn manteve-a simples e não colocou muitos detalhes em sua mensagem de texto para Jayson.

Precisamos conversar.

Depois que ela enviou, Caelyn deu um suspiro profundo. Isso foi feito. Foi como puxar o pino de uma granada e jogá-la. Aquela bomba ia explodir agora e era apenas uma questão de onde e quando.

Caelyn voltou para a mesa da cozinha e todo mundo estava esperando, tendo feito nada mais do que pegar a sua comida desde que ela os deixou.

- Tudo bem? - Perguntou o pai.

Ela sorriu, tentando fingir. - Sim. Tudo está bem.

- Quem era ao telefone? - Disse a mãe.

Caelyn encolheu os ombros. - Ninguém. Só alguém de classe que eu tinha que falar com muita urgência. - ela mentiu. A mentira fluiu tão bem que ela se sentiu envergonhada. Ela não estava acostumada a ser desonesta.

- Por que você não admite que você estava conversando com um menino? - Disse Deena.

Caelyn pegou o garfo e enfiou-o em alguns pedaços de ovos frios. - Porque, não é da sua conta com quem eu falo.

- Mãe, ela está sendo totalmente estranha e reservada. - disse Deena.

- Caelyn, tem algo acontecendo com um menino? - Perguntou a mãe.

- Talvez ela esteja grávida. - continuou Deena.

Caelyn olhou para a irmã. - Está sendo um pouco imbecil. - disse ela. - O que lhe dá o direito para dizer isso de mim?

- Eu estou dizendo, não faria sentido se você contasse.

De repente, o telefone de Caelyn vibrou. Era um texto, e ela teve que verificá-lo e ver se Jayson tinha respondido, então ela olhou para o telefone tão rapidamente quanto podia.

E o texto era de Jayson.

O que temos para falar?

Seu estômago deu um salto triplo e suor irrompeu em sua testa.

- Ela está trocando textos com alguém neste momento. - Deena gritou, inclinando-se e agarrando o telefone de Caelyn.

Ela o pegou, leu rapidamente e Caelyn gritou para ela dar o telefone de volta.

Caelyn foi capaz de pegar o telefone celular de volta, mas Deena já tinha lido a troca.

- Eu te disse! - Disse Deena. - Ela está falando com Jayson, aquele cara que ela está namorando. Ela disse que eles precisam conversar. Eu disse que ela está grávida!

Caelyn estava vermelha e suando, com raiva de sua irmã e doente do estômago que ela estava indo para ter que tentar se explicar agora. Claro, explicar significaria mentir, porque não havia nenhum jeito dela contar a verdade até que garantisse a segurança de Elijah.

- Eu não estou grávida. - disse Caelyn, abordando seus pais, que pareciam pálidos.

- Você pode nos dizer se você estiver. - disse a mãe lentamente. - Você sabe que sempre pode vir até nós.

- Eu não estou. - disse ela, rindo um pouco para mostrar o quão tola a ideia era.

- Como podemos acreditar no que diz? - Perguntou Deena, seu tom de voz era de uma mãe, como se ela fosse a mais desgostosa em cima da mesa.

Caelyn ignorou. - Jayson e eu tivemos uma briga, isso é tudo.

Sua mãe balançou a cabeça, sua expressão relaxou, como se isso explicasse tudo. - Essas coisas acontecem. - ela disse calmamente. - Mas Jayson é um grande menino, de uma família muito boa. Tenho certeza de que vocês dois podem trabalhar isso.

Caelyn queria gritar para a mãe por dizer tais palavras ignorantes. Ela tinha encontrado Jayson por apenas cinco minutos em uma noite, mas depois que ela descobriu sobre sua família proeminente, obviamente, tinha caído no amor com a ideia dele. Ela já começou provavelmente se gabar para seus amigos e fantasiar sobre um casamento com todos os sinos e assobios.

Ainda assim, Caelyn precisava deixar sua mãe acreditar na mentira por apenas um pouco mais.

- Estou certa de que podemos trabalhar com isso. - Caelyn concordou. - Mas não se Deena mantém seu nariz nos meus negócios.

Sua mãe suspirou. - Deena, você precisa se acalmar. Sua irmã está tendo um momento difícil e você não está ajudando as coisas.

- Ela está totalmente jogando com vocês. - Deena lamentou.

- Você está aqui para ajudar Caelyn, não atacá-la. Vocês duas precisam se acalmar e se comportarem melhor.

- Eu realmente preciso me encontrar com Jayson hoje. - disse Caelyn. - Posso usar o carro?

- Não, é o meu carro. - disse Deena.

O pai de Caelyn gentilmente colocou o guardanapo sobre o prato vazio. - Deena pode levá-la para a cidade ou Jayson pode vir aqui e conhecê-la.

- Não, ele não tem um carro. - Caelyn disse a ele. - Por que não posso simplesmente usar o carro por algumas horas?

- Eu acho que seria melhor se a sua irmã fosse com você. - disse a mãe. - Nós simplesmente não nos sentimos confortáveis com você saindo por conta própria, logo após todo o incidente na Flórida.

Grande, Caelyn pensava. Sua excursão de curta duração para Siesta Key já tinha o seu próprio nome, o Incidente Flórida.

Ela balançou a cabeça, sabendo, sem sequer olhar para cima, que sua irmã mais nova estaria usando um sorriso orgulhoso da vitória.

***

Depois que sua mãe e seu pai saíram para trabalhar, Caelyn estava sozinha em casa com Deena, que estava se arrumando e andando pela casa como fosse dona do lugar.

- Deus, você realmente deve ter se complicado na faculdade se foi necessário fugir para a Flórida, no meio de a noite. - disse Deena, enquanto ela caminhava por Caelyn, que estava na sala da família fingindo ler um livro.

Na realidade, Caelyn estava esperando por outro texto de Jayson.

- Só porque você vai ficar em casa comigo, não significa que precisamos estar conversando. - Caelyn respondeu, sem sequer se preocupar em olhar por cima de seu livro.

Um momento depois, ela olhou para o telefone, apenas por precaução. Mas, embora ela mandasse uma mensagem de volta a Jayson afirmando que ela precisava falar com ele pessoalmente, ele não tinha respondido ainda.

Deena bufou. - Esse cara deve ficar realmente ficar enjoado de quão pegajosa você está agindo. Caras não gostam de ser perseguidos por meninas carentes.

- Você não tem um monte de frenemies (amigos-inimigos) que você pode estar incomodando agora? - Caelyn disse.

- Na verdade, não. Mamãe e papai disseram que eu deveria ficar de olho em você e tentar falar com você. Tenho certeza de que eles acham que você está louca. - Ela girou um dedo perto de sua orelha no sinal universal de alguém que enlouqueceu. - Como, totalmente louca.

- Seja como for, eu estou feliz que você está entretida por tudo isso. Talvez se você tivesse sua própria vida, você não seria tão interessada no que eu estou fazendo a cada segundo.

- Eu tenho uma vida. - disse Deena, sua voz de repente defensiva.

- Claro que você tem. - Caelyn ergueu as sobrancelhas e voltou à leitura. - Ei, você ainda está com a amiga Eileen Wentworth? Ou será que ela despejou-a apenas como Gail e Brooke fizeram?

Os olhos de Deena se estreitaram. - Eu aposto que você está grávida. Eu aposto que você foi para a escola e fodeu todo cara que você pode, como a putinha no armário que você é.

Caelyn saltou para seus pés, caminhando para frente. Ela sentia como se pudesse perfurar sua irmã naquele momento.

- Sua boca é tão suja quanto a sua mente podre. - disse ela.

- Vá em frente e me bata, você é maluca. Eu vou dizer a mamãe.

Por uma fração de segundo, imaginou-se fazendo e batendo tanto em sua irmã por todo o rosto. Mas ela não teve coragem de fazê-lo. Ela nunca bateu em ninguém com raiva antes, ela era sua irmã mais nova, por mais que fosse a cadela que tinha se tornado nos últimos anos.

Além disso, era exatamente o que Deena estava esperando que ela fizesse.

Em vez disso, ela passou por ela e subiu as escadas para seu quarto. Deena estava gritando alguma coisa atrás dela, mas Caelyn bateu a porta fechada. Ela estava respirando pesadamente e quando olhou para suas mãos, Caelyn viu que elas estavam tremendo.

***

Jayson finalmente respondeu.

Estou por perto hoje.

Isso era tudo que ele tinha dito. Ela não tinha respondido de volta ainda. Sua resposta foi estranha e ela não tinha certeza do que fazer com isso. Se ela aparecesse, ele estaria esperando com advogados, polícia, família, membros prontos para tentar atacá-la? Ou Jayson estava apenas sendo cauteloso e tentando se proteger dela?

De qualquer maneira, Caelyn sabia que ela não podia simplesmente se esconder no quarto dela para sempre. Havia certas coisas que tinham que ser feitas, e tão desagradável como era, ela se sentia resignada com o que estava por vir.

O problema é como chegar do ponto A ao ponto B.

E como passar Deena.

Felizmente para Caelyn, sua irmã mais nova, foi à solução para o seu problema não muito tempo depois de seus argumentos.

- Precisamos ir às compras de alimentos. - Deena informou a ela, enquanto Caelyn se dirigia de seu quarto para o banheiro, no andar de cima.

- Por favor, não fale comigo. - Caelyn respondeu, continuando pelo corredor.

- Esta casa não tem comida e mamãe quer fazer um bom jantar esta noite. Ou você vai continuar ser tão egoísta que você vai punir o resto de nós, só porque sua vida está caindo aos pedaços?

- Então, vá às compras de alimentos. Eu não vou parar você.

- Mamãe disse que deveríamos ir as duas. - Deena disse a ela e em seguida, pegou o seu telefone celular.

- Ela me mandou uma mensagem de uma lista.

Caelyn estava prestes a dizer-lhe onde poderia enfiar o celular precioso, mas depois percebeu que ela estava deixando sua raiva ficar no caminho de uma oportunidade perfeita. Ainda assim, ela sabia que não devia ser demasiado óbvia sobre sua mudança no coração. Deena era muito astuta e ela iria notar se Caelyn estivesse muito ansiosa para ir com ela.

- Olha, eu estou cansada e eu não vou ser de alguma ajuda na loja. - disse Caelyn. - Por que você apenas não me deixa aqui?

- Porque - disse Deena, iniciando um sorriso maroto se espalhando por todo o rosto, - Mamãe disse que ela não confia em você para ser deixada sozinha em casa agora.

- Você tem que estar brincando comigo.

- Talvez sair da casa vai ter sua mente fora de todos os seus problemas. - disse Deena.

Caelyn suspirou, fingindo dentro da caverna. - Talvez.

- Milagres acontecem. - Deena respondeu. - Encontre-me no andar de baixo em cinco, ok?

- Ok. - Caelyn assistiu sua irmã descer, olhando depois que a menina mais jovem saiu, enquanto seu coração batia um pouco mais rapidamente em seu peito.

Deena tinha comprado o ato.

Deixe-a sentir-se orgulhosa de si mesma, Caelyn pensava. *Deixe-a absorver tudo enquanto ela tem a chance. Mais tarde aquele sorriso será limpo de seu rosto.*

Caelyn foi ao banheiro e rapidamente colocou um pouco de maquiagem, alguma base e batom, um pouco de delineador. Ela não queria ficar muito bonita, especialmente considerando-se também para onde estava indo e quem ela estaria vendo, se tudo corresse conforme o planejado. Mas ela ainda não podia parecer como se tivesse acabado de sair da cama ou algo assim.

Poucos minutos depois, ela tinha chegado vestida com uma calça jeans e um suéter preto decente, colocado um par de brincos de bom gosto e passou a escova rapidamente através de seu cabelo. Quando ela terminou, olhando no espelho de corpo inteiro que estava contra a parede no canto de seu quarto, ela viu uma jovem

e atraente mulher que provavelmente estava estudando muito duro para as provas finais.

Mas ela não parecia completamente exausta ou castigada, mas apenas um pouco cansada. Ela poderia viver com isso.

Ela pegou sua bolsa, sua carteira e telefone, de modo que estava tudo pronto. E com isso, Caelyn caminhou as escadas e encontrou-se com Deena, que parecia pronta para desempenhar o papel de guarda da prisão.

- Bem, você está pronta. - disse Deena, olhando de cima a baixo, como se avaliasse a sua disponibilidade para apresentação à sociedade normal.

- Sim, eu estou pronta. Será que não podemos fazer um show com isso?

- Olha, eu estou feliz que você lavou o seu rosto e colocou um pouco de maquiagem. Você está quase no meio do caminho para ser normal de novo.

- Bem, eu estou feliz que você aprova.

- Eu não iria tão longe. - disse Deena, enquanto abria a porta da frente e saia.

Caelyn seguiu atrás dela.

Deena estava vestida com uma saia curta, salto alto e uma camisa com um decote. Ela parecia mais pronta para ir a uma discoteca do que a compra de alimentos, mas Caelyn não disse uma palavra. Como de costume, sua irmã mais nova estava competindo com ela, tentando mostrar-se de qualquer maneira que podia.

Ela tinha ficado tão fora de controle que ela quase teve vontade de rir. Quase.

Elas foram ao Ford Focus azul de Deena, com Deena conduzindo e Caelyn no banco do passageiro. Deena puxou para fora da garagem e Caelyn se perguntou o quão longe elas estavam indo. - Será que vamos ao Whole Foods ou...

- Não, Shaw. Desculpe se não é terra crocante o suficiente para você.

- Eu nunca disse isso. Shaw é bom.

- Você não é toda sustentável, amiga do meio ambiente e tudo isso?

- Eu tento ser um pouco verde, mas eu não sou contra Shaw nem nada. Relaxe, Deena.

- Eu vou relaxar quando você começar a agir normal novamente. - Deena ligou o rádio do carro e começou a explodir alguma nova música Demi Lovato que Caelyn não tinha ouvido antes.

Enquanto dirigia, Caelyn assistiu o cenário. Era bom que elas só estavam dirigindo para Shaw, pensou. Dessa forma, Deena não teria que caminhar tanto para chegar em casa.

***

Depois de chegar ao supermercado, Caelyn obedientemente seguiu Deena através da loja.

- Você poderia pegar alguns dos tomates cereja? Um pacote. - perguntou Deena.

- Sim. - Ela correu, pegando um pacote de tomates e o trouxe, só para ser expulsa novamente para a próxima coisa. E a próxima.

Ela poderia dizer que Deena estava realmente gostando disso, ordenando sua irmã mais velha em torno de como uma assistente pessoal.

Deena sempre parecia acreditar que ela um dia seria famosa por uma coisa ou outra e quando o fizesse, ela teria pessoas a sua disposição, correndo para lá e para cá em seu nome. Ela gostava de ver as pessoas correrem.

Então, ela estava definitivamente tendo Caelyn como uma bola, correndo ao redor do supermercado tentando descobrir o que estava na lista que sua mãe tinha enviado com elas.

Mas o tempo todo, Caelyn estava fazendo e esperando o momento certo. Ela sabia que ele viria em algum momento, se ela fosse paciente. Ela não queria forçá-lo, apenas deixá-lo vir naturalmente, quando sua irmã tinha a sua atenção mais triunfante.

Finalmente, tinham chegado com o carrinho abastecido com tudo o que precisavam e foram para o caixa.

Deena olhou Caelyn e a garota que começou a tocar os seus itens.

- Enquanto isso é feito, eu vou trazer o carro e você espera lá na frente com o carrinho.

- Ok. - Caelyn sorriu, mas foi forçado.

- O que há de errado com você? Por que está sendo tão estranha?

- Eu pensei que você queria minha ajuda. Então, eu estou ajudando.

Deena olhou para ela, como se algo estivesse errado. - Algo está definitivamente errado com você, Caelyn.

- Eu acho que não posso contraria-la. - disse Caelyn, encolhendo os ombros. - Eu estou tentando fazer o que você e mamãe quer, se você está ainda preocupada. Não é minha culpa.

- Nada nunca é. - disse Deena, revirando os olhos.

Depois de Deena pagou, as duas caminharam ao lado de fora e Deena disse-lhe para esperar, enquanto ela foi trazer o carro.

Caelyn bufou sob sua respiração. Ela deveria ter pedido para trazer o carro em vez disso, mas ela não queria despertar suspeitas em Deena. Além disso, Deena teria dito apenas que não. A menina era um monstro.

Um minuto depois, Deena parou ao lado do carrinho e estacionou. Então ela abriu sua janela.

- Você poderia colocar os sacos dentro?

- Você não vai sair e ajudar? - perguntou Caelyn.

- Eu não posso, tenho de fazer um telefonema. - Ela começou a discar.

- Eu não vou carregar isso tudo sozinha, Deena.

- Não me dê uma má atitude. Se você carregá-los e manter a boca fechada, eu vou dizer a mamãe quão útil e normal você agiu e, talvez, eles não vão te mandar embora.

- Mandar-me embora?

Deena falou ao telefone. - Ashley, espere um minuto, alguém está sendo rude e me interrompendo.

Então ela colocou o telefone contra sua mão e olhou diretamente nos olhos de Caelyn. - Sim, mamãe e papai teriam mencionado a possibilidade. Estou tentando protegê-la, você não percebeu isso? Se você continuar agindo como uma louca, eles vão enviá-la para algum hospital psiquiátrico para que eles possam drogá-la e mantê-la calma.

Caelyn teve vontade de rir, mas ela estava com medo, talvez sua irmã não estivesse sendo apenas uma cadela. Talvez ela e seus pais estivessem mais de que preocupados e ela não podia culpá-los completamente também.

Ela começou a carregar os sacos de supermercado para o carro. Sua irmã estava tagarelando sem parar no telefone, sobre algum tipo de dança que estava chegando e o que os meninos queriam perguntar a ela, e que ela estava esperando que perguntassem pedindo a ela, e que Deena não aceitaria os que ela não queria.

Caelyn necessitava obter a sua irmã para fora do carro. Então, ela propositadamente derrubou um dos sacos e derramou um monte de coisas para fora no concreto. – Merda. - disse ela.

Deena olhou para ela. - O que você fez agora?

- Eu preciso de ajuda para escolher essas coisas. Você vem me ajudar?

- Não. Você derrubou tudo, você recolhe-o. - E então Deena voltou a falar.

Nada havia funcionado. Caelyn colocou o resto dos sacos no carro e, em seguida, elas foram para casa. Ela ficou Irritada com a irmã, que estava sendo cada vez mais terrível com o passar do dia.

Quando chegaram em casa, Deena foi para dentro, mesmo sem levar um único saco, esperando Caelyn para trazer os mantimentos dentro e desempacotá-los.

Caelyn trouxe tudo para dentro sozinha, fervendo em privado com raiva de sua irmã malcriada, mas sabendo que ela não podia se dar ao luxo de começar uma briga.

Talvez sua obediência tinha dado a Deena confiança para baixar a guarda. De qualquer maneira, quando Caelyn foi colocando as compras, ela notou a bolsa de sua irmã mais nova, deixada sozinha no balcão.

Deena estava no banheiro.

Caelyn sorriu para si mesma, lembrando-se de que as coisas boas viriam para aqueles que esperam e então ela rapidamente arrancou as chaves do carro da bolsa e saiu pela porta da frente.

Um momento depois, ela estava no carro de sua irmã e foi para Boston, para enfrentar o homem que a estuprou.

***

Não demorou muito para que o celular de Caelyn tocasse, enquanto dirigia em direção à rodovia.

Ela respondeu, sabendo quem era, sem sequer olhar.

- Pare de gritar, você vai estourar meus tímpanos fora. - Caelyn disse a irmã, que estava gritando tão alto que suas palavras eram, na verdade, ininteligíveis.

Eventualmente Deena se acalmou o suficiente para fazer uma ameaça audível. - Se você não voltar para casa agora, eu vou chamar a polícia e dizer-lhes que você roubou meu carro.

- Primeiro de tudo, a mãe e o pai possuem aquele carro. - disse ela. - Você não pode sequer denunciá-lo por roubo, eles podem.

- Eu não me importo. Eu vou dizer a mamãe então e ela vai chamar a polícia.

- Não, ela não vai, porque ela não gostaria que sua filha fosse presa. Eu estou trazendo o seu precioso carro de volta em um par de horas, apenas relaxe.

- Eu não vou relaxar, sua puta. Esse é o meu carro! Traga-o de volta agora!

- Isso não vai acontecer.

- Tudo bem, você pode explicar este novo louco ataque para a mamãe.

E, em seguida, sua irmã desligou.

Caelyn sabia que o próximo telefonema seria de sua mãe, mas nunca veio.

Talvez Deena estivesse apenas blefando ou talvez sua mãe estava em uma reunião e inacessível, o que não era inédito.

Foi só quando a adrenalina de roubar o carro de Deena finalmente começou a se desgastar, que Caelyn começou a se perguntar o que ela estava fazendo, dirigindo de volta à cena do crime.

Pior do que isso, ela estava voltando para rever a cena enquanto o autor estava lá, eles estariam sozinhos e juntos mais uma vez.

Talvez minha irmã esteja certa e eu realmente perdi minha mente.

Era um pensamento tentador e um tanto assustador.

Mas então, ela balançou a cabeça e decidiu que era completamente errado. Ela estava indo para encarar o Jayson, porque ela não iria deixá-lo arruinar a sua vida e ela certamente não iria deixá-lo arruinar a vida de Elijah.

Elijah não tinha feito nada de errado, ele só foi defendê-la.

Elijah já estava em muita dificuldade antes de você e ele provavelmente vai ter muito mais depois de você. Por que é que você vai arriscar tanto por um cara que você nem sequer conhece?

Era sempre a mesma pergunta e a resposta nunca foi bastante satisfatória para sua mente. Mas isso só desceu a um sentimento. Ela tinha um pressentimento sobre Elijah, um sentimento de que ele valia a pena, que por ele valia a pena pagar o preço, qualquer que esse preço acabasse por ser.

Quando Caelyn chegou mais perto de Boston, seu estômago começou a apertar e rastejou uma estranha dormência em suas mãos e pés. Ela sentiu falta de ar.

Contra sua vontade, as cenas daquela noite horrível começaram a passar em sua mente como um filme doentio. O rosto de Jayson, o cheiro de pizza e vinho, sua voz calma dizendo-lhe para não lutar.

Ela podia sentir suas mãos segurando-a, o peso de seu corpo esmagando-a...

No último momento, ela saiu de seu estado de transe e só desviou de um carro enquanto dirigia até um pedágio.

Ela sentiu seu corpo inteiro tremendo, quando ela lidou com o triz de quase ter tido um acidente grave, porque ela estava passando por algum tipo de estresse pós-traumático.

- Coloque de si mesma em espera, Caelyn. - disse ela, olhando para si mesma no espelho retrovisor. - Entenda isso.

Dizer as palavras em voz alta e ouvi-la tão normal, como sua voz soou em seus ouvidos, fez Caelyn perceber que poderia fazê-lo.

Ela sabia que podia se recompor e fazer o que precisava ser feito.

Apenas se concentre em Elijah, basta lembrar o que ele fez para você, o que você está passando não é nada comparado a uma cela de prisão.

Retratar Elijah também ajudou.

Retratando seu belo rosto, que estava duro e cinzelado, mas de alguma forma suave, quando ele olhava para ela, especialmente seus olhos ou seu corpo, que era como o aço, mas reconfortante e quente ao mesmo tempo.

Ela sentiu quando ele a abraçou naquela noite no quarto do hotel.

Sua dureza era apenas para proteção e não quem ele era, no fundo.

Pensar em Elijah aliviou sua mente enquanto dirigia as milhas finais e estacionou perto do caro apartamento de Jayson, fora do campus.

Ela não mandou uma mensagem para avisá-lo de que ela estava realmente chegando. Ela não queria dar-lhe tempo para planejar nada. Em vez disso, ela só andava para cima e tocou o interfone de seu apartamento, esperando que ele ainda estivesse lá. Se não, ela iria esperar no carro até que ele chegasse em casa, novamente.

Mas não havia necessidade de esperar, ele respondeu quase imediatamente, como se tivesse estado à espera, ao lado da porta por ela.

- Sim? Quem é? - Sua voz estava reservada, culta, seu tom tão inocente, como se ele nunca tivesse feito nada de errado em sua vida.

Por um breve momento, ela se perguntou se havia simplesmente imaginado a coisa toda.

Talvez ela estivesse louca e Jayson era sua vítima inocente.

- Sou eu. - disse ela, sacudindo o momento de fraqueza. - Caelyn. - Sua voz enfraqueceu no final, e ela teve que resistir à vontade súbita, poderosa, de virar e correr.

Não valia a pena, não valia a pena, não valia a pena!

A voz assustada, infantil, gritou em sua mente. A voz era convincente quanto era o desejo de correr para casa e fingir que nada disso tivesse acontecido.

Ela engoliu o enjoo que subiu em sua garganta, enquanto Jayson abria por dentro, o zumbido trouxe de volta a lembrança da outra noite, quando ela estava feliz e animada para ir dentro e vê-lo.

Ela quase não chegou até o portão por um tempo, mas no último segundo, sua mão disparou, como se com uma mente própria e empurrou o portão aberto.

Os próximos momentos foram um borrão, mas de alguma forma em câmera lenta, enquanto ela caminhava com os passos ecoando pelo corredor até ficar na frente de sua porta do apartamento.

Ela foi bater de novo, mas a porta se abriu antes que ela tivesse uma chance e ele estava lá de pé, como se estivesse esperando o tempo todo apenas por este momento. Jayson pairava sobre ela, ainda ostentando um olho roxo e alguns arranhões visíveis no rosto, vestindo uma camisa solta de Remo Cambridge e calças de brim. Ele olhou para ela com uma expressão estranha, quase confusa no rosto.

- Por que você veio aqui? - Disse ele, não abrindo caminho para que ela entrasse no apartamento.

Ela ficou de pé, recusando-se a encolher para longe dele. - Porque, nós precisamos conversar. - disse ela, simplesmente. - Tem alguém aqui?

Ele balançou a cabeça lentamente. - Não. - Então ele sorriu. - Devo encontrar alguém, para que você não me acuse de outro crime?

- Não é uma acusação. - ela começou. Ela estava prestes a dizer, é a verdade, mas algo a deteve.

Ela estava pronta para jogar duro, para ameaçá-lo com uma experiência desagradável, manchando sua reputação e, possivelmente, fazendo-o ser expulso da escola. Ela diria que tudo isso ia se tornar realidade, a menos que concordasse em retirar as acusações contra Elijah.

Mas, de repente, seu instinto arrombado disse-lhe que as ameaças não iriam trabalhar com uma pessoa como Jayson. Ele não era normal. Ameaças só o fariam mais insistente em machucá-la e machucar Elijah seria apenas um bônus.

- O que é, então, se não uma acusação? - Jayson disse, tirando-a de volta à realidade. - Você não contou à polícia que a estuprei?

- Escute, eu quero falar com você sobre isso. Posso... - ela engoliu em seco novamente, sentindo uma guinada estômago.

Graças a Deus ela não tinha comido muito naquele dia. - Posso entrar?

Por um momento, Jayson parecia estranhamente ansioso e a expressão em seu rosto só o fez mais repulsivo para ela.

Entraram e ela tentou não pensar em tudo o que tinha acontecido entre eles neste apartamento horrível. Ele tinha sido limpo e aparentemente desinfetado daquele cheiro de pizza horrível. Todo lugar estava brilhante e tudo estava arrumado e organizado.

Em toda a probabilidade, um profissional tinha limpado o lugar. Uma parte de sua mente paranoica se perguntava se talvez não fosse uma pessoa de limpeza regular, mas, na verdade, alguém treinado para obter o DNA e sinais de estupro e as peças em faltavam do mobiliário?

- Quer um copo de água, café, chá? - ele perguntou, enquanto ele a levava para dentro.

- Não, obrigada. - disse ela, embora sua boca estivesse totalmente seca. No entanto, ela não confiava nele para lhe dar uma bebida sem tentar envenenar lhe com um sedativo.

Ele a levou para o sofá, mas Jayson sentou-se na cadeira próxima, felizmente.

Ele cruzou as pernas e cruzou os braços, como se ela tivesse vindo implorar perdão, e ele estava prestes a julgar e decidir seu destino. - Então, o que você quer dizer para mim, Caelyn?

- Eu acho que as coisas ficaram fora de controle. - começou ela, sentando-se no sofá e tentando esquecer o que tinha acontecido nele não há muito tempo.

Ele bufou. - Esse é o eufemismo do ano. Eu descobri que você foi para a Flórida, sem uma palavra, e depois vou para trazê-la para casa e você tem algum bandido me agredindo e me deixando roxo. A próxima coisa que eu sei, quando eu vou sair do hospital depois de receber a minha cabeça radiografada, descobrir que você me acusou de estupro. Eu muito bem poderia dizer que as coisas ficaram fora de controle

Ela podia ouvir a raiva contida em sua voz e sacudiu-a.

Estar sozinha com ele no apartamento não apenas sentia-se perigoso, era perigoso. Ela sabia que a partir de sua experiência, que Jayson era capaz de praticamente qualquer coisa, e agora ela estava patinando em muito gelo fino.

- É por isso que estou aqui. - disse ela, em voz baixa. Ela encontrou seus olhos frios e mortos e tentou fingir que não estavam completamente revoltados. Caelyn tentou em um falso sorriso submisso.

- Eu estou aqui porque eu percebi, Jayson.

Pela primeira vez, a linguagem corporal de Jayson mudou de frio e distante a mais engajado. Ele se sentou a frente em seu assento, seu grande corpo movendo mais rápido do que ela esperava.

Levou toda a sua coragem para não gritar e correr para a porta. Mas ela estava aqui por mais do que apenas si mesma, ela estava aqui por Elijah, e determinou que devia ser forte por ele.

Jayson apoiou os cotovelos sobre os joelhos enquanto olhava para ela. - Eu não entendo Caelyn.. Você está mandando alguns sinais muito contraditórios. Quero dizer, caralho, me acusar de estuprar você.

Porque você me estuprou, ela queria gritar na cara dele.

Em vez disso, Caelyn tomou uma respiração lenta e profunda, e exalou. - O que aconteceu na outra noite entre nós... ela teve um flash dele segurando-a para baixo, sua voz baixa e ameaçadora. - Foi muito confuso.

Ele piscou algumas vezes. - Você era uma virgem? - Suas narinas inflaram.

- Eu não quero falar sobre isso agora.

- Você está certa - disse ele, acenando com a questão - não vem ao caso. Mas você não pode vir aqui e apenas esperar que eu seja legal agora, depois do que você fez para mim. Você sabe que não há nenhuma maneira que você possa ganhar num tribunal. Quero dizer, minha família ... - ele balançou a cabeça. - Eles fariam qualquer coisa para me proteger, Caelyn. Qualquer coisa.

- Talvez haja uma solução. - ela ofereceu.

Suas sobrancelhas se levantaram. - Uma trégua?

- Talvez.

- Eu estou ouvindo. - Ele sorriu, um flash do velho Jayson, a fachada que ele tinha usado para seduzi-la, começava a reaparecer. Agora ela via através dele o que era, um truque barato usado para enganar as ingênuas e protegidas garotas que ele entrava em contato, como uma fraude completa.

- Eu quero retirar as acusações contra você. - disse ela.

- Realmente. - Sua expressão não se alterou, mas a intensidade em seus olhos se aprofundou.

- Agora, por que você faria isso?

- Porque eu acho que nós precisamos acabar com tudo isso.

- Eu concordo. Eu só estou tentando descobrir por que a súbita mudança de sentimento. - Ele recostou-se na cadeira de novo, esfregando um dedo abaixo do lábio, olhando para ela. - Você está jogando comigo, Caelyn? Quero dizer, o que diabos eu deveria pensar?

- Basta levá-lo para o que vale a pena. - disse ela.

- Então você vai retirar as acusações? - Disse. - E é isso?

- Tudo que eu peço é que você retire as acusações contra Elijah.

De repente, a expressão de Jayson escureceu. Era como se a máscara momentaneamente houvesse sido retirada na menção inesperada do homem que o havia ferido. Por um breve segundo ou dois, ele parecia positivamente insano, não diferente de um serial killer desequilibrado que você pode ver no noticiário.

Mas, então, ele pareceu recuperar o controle de si mesmo novamente e a máscara foi colocada novamente. Seu rosto relaxou um pouco e ele apareceu pensar sobre o que ela tinha dito. Ele começou a esfregar em seu lábio de novo, repetitivamente, como se considerasse sua oferta.

Ela queria dar um tapa nele, socá-lo. Mais do que tudo, porém, ela queria fazê-lo parar de esfregar o queixo assim. Era pior do que unhas em um quadro-negro.

Um arrepio de ódio e medo percorreu sua espinha.

O silêncio na sala era ensurdecedor. Mas, finalmente, ele falou. - O cara é uma ameaça, Caelyn. Eu não sou, certifique-se o quanto você sabe sobre ele, mas me disseram que ele é um personagem muito desagradável. Como quão baixo eles o veem. Completamente sem instrução, estando dentro e fora das instituições por toda a sua vida.

Ele é um milhão de vezes melhor do que você poderia sempre esperar para ser, ela queria dizer. Mas ela mordeu a língua. Literalmente, ela fechou sua mandíbula e se forçou a não falar. E então, ela reuniu sua compostura.

- Eu não vou defender o que ele fez com você. - disse ela. - Mas eu realmente quero fazer tudo isso ir embora.

- Eu não sei por que eu deveria largar minhas acusações contra ele. - disse Jayson. - Afinal de contas, nós dois sabemos que eu não... eu não fiz o que você diz que eu fiz e você não tem prova de nada. Você não será capaz de condenar-me, Caelyn. Quanto a Elijah, temos testemunhas que ele me atacou do nada, e o cara tem um recorde na ficha maior que um rolo de papel higiênico.

- Eu não estou pedindo para você fazê-lo como um acordo entre nós. - ela mentiu. - Eu estou pedindo que você faça isso, por que... bem ... porque eu estou te pedindo. Eu estou dizendo, vamos deixar tudo isso para trás.

Agora ele parecia interessado novamente. Havia um olhar em seu rosto que ela não gostava, mas não podia descobrir sobre isso em primeiro lugar. E então ela percebeu que o olhar em seu rosto era excitação. Ele estava se divertindo com tudo isto.

- Eu estaria disposto a deixar tudo para trás - ele disse - se você quer dizer, literalmente. - Ele saiu da cadeira e começou a andar na frente dela. - O que eu quero dizer é que havia uma razão para ir ao restaurante na Flórida, para encontrá-la, Caelyn. Eu nunca fiz isso para uma menina antes. Eu fiz isso por você.

Eu devo me sentir especial, porque o homem que me estuprou me rastreou a um lugar no outro Estado, onde eu corria para fugir dele? Você é realmente louco, Jayson?

É claro que ela sabia a resposta. E tão enjoada quanto ele a fez, esta foi à direção que ela precisava para mover as coisas e ter uma chance de ajudar Elijah a ficar fora da cadeia.

- Eu realmente aprecio isso. - disse ela. Foi horrível dizer as palavras. Seu corpo inteiro estava se revoltando agora, tremendo, ela foi ficando ainda mais enjoada. Mas ela se forçou a continuar. - Entendo que esta coisa toda deve ter realmente feito girar a cabeça.

Ele riu asperamente. - Você pode dizer isso de novo. - Ele parou de andar e olhou para ela.

- Então, você vai deixar isso para trás e tentar começar de novo?

- Você quer dizer...

- Eu quero dizer nós. - disse ele. - Quer dizer, eu só posso esquecer isso, se você perceber que ainda há alguma coisa aqui comigo e com você.

Levou apenas alguns segundos, mas nesse curto espaço de tempo, sua mente calculou para fora todas as possibilidades. Ela poderia ir enrolando-o e esperar que ele retirasse as acusações contra Elijah de qualquer maneira. Ela poderia ameaçá-lo, dizer-lhe que iria para os jornais, fazer tudo em seu poder para arruinar sua reputação, se ele não as retirasse.

Mas no final, ela sabia que se opor Jayson assim só iria alimenta-lo a lutar com mais força. Ele realmente acreditava que ele era imune, protegido por sua família rica e sua reputação impecável.

Ameaçando-o agora nunca iria funcionar e ela viu isso claramente.

- Eu percebo. - respondeu ela, fechando os olhos com ele.

Ele se elevou sobre ela e por um momento, ela estava certa de que ele ia simplesmente violá-la novamente. Na sua mente torcida, ele provavelmente pensou que ela tinha acabado de lhe dar permissão para fazer o que quisesse.

Sentia-se congelada no lugar. Aterrorizada, enjoada, querendo nada mais do que correr e esquecer que tudo isso aconteceu, ela sentou-se e observou-o.

Jayson olhou para ela, e um sorriso estranho penetrou em seu rosto. - Estou feliz que você disse isso. - ele disse a ela. - Realmente feliz. Eu quero passar por isso, Caelyn

Ele estendeu a mão e tocou suavemente o ombro e Caelyn teve que reprimir um estremecimento. - Eu também.

- Tudo bem, então. - Jayson disse, sua voz tornando-se mais contida, quase como se estivessem encerrando uma reunião formal de negócios. - Nós estamos de acordo. Vou retirar minhas acusações contra o seu... amigo....

- Obrigada. - disse ela.

- E você - continuou ele - vai retirar suas acusações contra mim.

Ela assentiu com a cabeça. - Isso é certo.

Ele cruzou os braços. - Bem, então, eu acho que está resolvido.

Ela levantou-se. - Ótimo. Vamos?

Um olhar perplexo cruzou o seu rosto. - Ir?

- Para a delegacia. Não há tempo como o presente, certo?

- Você está em muito apressada.

- Eu só acho que nós dois vamos nos sentir melhor quando o fizermos e eu quero mostrar-lhe que eu estou falando sério.

- Eu acredito em você.

- E eu quero saber que você está sério, também.

Ele olhou para ela atentamente. - Eu estou começando a sentir que talvez este não seja um pedido, tanto como é uma ordem, Caelyn.

Ela sorriu, praticamente batendo os cílios para ele. - Nem um pouco, Jayson. Mas eu quero virar uma nova página entre nós dois. Não deveríamos virá-la juntos, agora?

Depois de um momento, sua expressão se suavizou um pouco. - Por que não?", Disse. - Devemos ir lá juntos?

- Absolutamente. - Seu sorriso aumentou, assim como a ideia de estar perto dele a fez querer vomitar.

- Tudo bem, dê-me um segundo para refrescar-me. - ele disse a ela e em seguida, partiu para o banheiro.

Ela observou-o ir, e, lentamente, sua mandíbula se abriu e ela percebeu que estava apertando os punhos com as mãos no final.

Relaxe, Caelyn. Você tem que parar de pirar ou ele vai perceber, isso é tudo uma grande mentira para levá-lo a fazer o que você quer. Agora, você está quase lá. Acalme o inferno fora.

Mas foi difícil. Cada átomo em seu corpo queria se revoltar contra o que estava acontecendo e as coisas que ela estava fazendo. Nada disso era natural, foi uma luta total contra sua natureza.

Este homem tinha feito a pior coisa possível para ela e aqui estava tentando alisá-lo por toda parte e dar-lhe a impressão de que ele ainda tinha uma chance com ela.

Era nojento. Ele estava errado.

Mas não havia outra saída que ela podia ver. Essa era a triste verdade e Caelyn não sabia mais o que fazer.

Poucos minutos depois, Jayson voltou para a sala de estar. Ele havia colocado uma camisa nova e penteado seu cabelo com estilo, aplicado alguma colônia. Ela reconheceu o cheiro forte da outra noite e quase engasgou.

Mas ela conseguiu dar um sorriso fraco. - Pronto? - Disse.

- Pronto como eu nunca vou estar. - respondeu ele.

E depois que eles deixaram seu apartamento, dirigiram-se para a delegacia.

***

Parecia que anos se passaram até o momento que Caelyn puxou o carro no meio-fio, em frente apartamento novo de Jayson. A cada segundo gasto em estreita proximidade com ele era como estar ao lado de um esgoto aberto e respirando fungos tóxicos, lixo podre.

Sua cabeça latejava, sentia-se fraca, trêmula e suada. Mas houve algum alívio, também, porque o pior já tinha passado.

- Você tem estado calma desde que saímos da delegacia. - disse ele, uma vez que o carro parou.

- Estou cansada. - disse ela. Era tão honesta quanto ela poderia ser. - Mas eu estou feliz que fizemos isso.

- Eu também. - disse ele. Ele se virou para ela. - Caelyn, eu... Eu espero que você esteja tão feliz como eu estou, já que estamos tendo outra chance.

Ela engoliu em seco, olhando para ele, mas incapaz de encarar, os seus olhos mortos em branco. - A coisa é Jayson, eu preciso de um tempo. Eu sei que você não

entende e eu não espero que você entenda, mas eu vou precisar de algum tempo para mim mesma.

Sua expressão anuviou. - Eu não entendo. Quanto tempo?

- Eu não tenho certeza. Agora, eu vou ficar na casa dos meus pais e tentar me acalmar. Eles não estão muito felizes comigo...

- Mas você quer me ver de novo, certo?

Ela assentiu com a cabeça. - Eu ligo para você.

Ele estendeu a mão e agarrou a mão dela, ela podia sentir mais uma vez a ameaça por trás de seu contato físico forte e a maneira como ele tentou controlar seu corpo. - Prometa-me, Caelyn. - disse ele, com sua voz baixando.

- Eu... eu prometo.

Qualquer coisa para se livrar dele. Outro momento e ela realmente iria gritar.

- Tudo bem - disse ele, retirando sua mão. - Eu vou me agarrar a isso.

E então ele saiu do carro e caminhou até seu prédio sem olhar para trás.

Caelyn acelerou, imediatamente desligada, praticamente batendo em um carro que passava por ela.

Lágrimas estavam chegando e ela começou a tremer violentamente.

Tinha sido uma incrível pressão manter tudo de volta, ao longo de toda a viagem.

A pressão de voltar para o lugar onde ela havia sido agredida e violada e estar tão perto do homem que tinha feito tudo para ela e, em seguida, na verdade fingir que ele não a tinha violado. Foi doentio.

Na delegacia tinha sido muito ruim. O oficial tinha sido cético quando ela lhe disse que queria retirar as acusações. Ele queria respostas e ela não tinha a intenção de dar-lhe qualquer uma. Ela simplesmente continuou a afirmar que ela não queria levar o assunto adiante, e, eventualmente, ele tinha que preencher o necessário de papelada e disse que ela estaria recebendo algo no e-mail nas próximas semanas.

Quando ela lhe perguntou se isso seria o fim do caso, o oficial a informou que o Estado ainda podia decidir prestar queixa contra Jayson por conta própria, mas que, em casos como o dela, onde dependia de seu testemunho, era improvável que iria acontecer.

Mesmo que ela quisesse retirar as acusações, levando de volta suas declarações verdadeiras contra Jayson, foi terrível, ele só parecia errado em tantos níveis. Jayson merecia ser punido pelo que ele tinha feito para ela, e lá estava ela, tentando realmente ajudá-lo a fugir com isso.

De certa forma, ela estava mais desgostosa com ela mesma.

Quanto a Elijah, o pouco que Jayson tinha dito a ela depois que eles deixaram a delegacia de polícia, parecia improvável que Elijah fosse levado a julgamento por espancar Jayson. A polícia parecia pensar que o estado da Flórida não estaria muito interessado em levar o caso por conta própria, também.

Até agora, o plano dela parecia ter funcionado.

Mas, então, por que se sentia tão doente e derrotada?

Caelyn não sabia. Tudo que ela sabia era que ela tinha que puxar para o lado da estrada por alguns minutos antes, para diminuir a agitação. Em seguida, ela voltou na estrada novamente e dirigiu em direção a casa.

Ela não se incomodou em verificar seu telefone ou ligar para casa, porque ela sabia que ia ser ruim e ela queria adiar as repercussões enquanto podia.

Ia ser muito difícil, emocionalmente, para lidar com sua família depois do que ela tinha acabado de passar.

Sentia-se como um rato afogado.. Seu cabelo estava molhado e mole, sua testa lisa com suor, sua palmas das mãos úmidas, o rosto pálido. Olhando para si mesma no espelho retrovisor, ela viu alguém quase irreconhecível.

Uau, talvez Deena estivesse certa, afinal. Você parece uma pessoa louca.

E agora Deena teria a chance de dizer a ela o quanto ela parecia louca, porque ela estava chegando a sua rua. Quando ela se aproximou da garagem, viu todas as luzes acesas e a porta da frente estava aberta.

Seu estômago se apertou agitado e ela sentiu-se mal novamente.

- Oh, Deus. - ela sussurrou para si mesma.

Convencendo Jayson a concordar em retirar as acusações e ir para a delegacia foi apenas o começo, do que Caelyn fez. Agora ela teria que enfrentar toda a sua família e lidar com sua raiva e acusações.

Era quase demais para suportar, depois de tudo que ela passou, até agora.

Mas então, ela pensou em Elijah, no jeito que ele tinha sido tão calmo quando eles o levaram algemado, sabendo o que estava por vir para ele. Se ele pudesse

enfrentar a perspectiva de meses e meses em uma pequena cela de prisão em seguida, ela poderia enfrentar seus pais irritados.

Saindo do carro, Caelyn voltou-se para a explosão de todas as explosões.

Ela já podia imaginar a gritaria que ela iria enfrentar com sua mãe, e Deena seria, provavelmente, aliada em piorar as coisas para ela. O pai de Caelyn poderia jogar como árbitro, ele às vezes fazia, ou talvez , finalmente, até mesmo ele fosse alimentado o suficiente para conspirar contra ela também.

Seu estômago estava agitado com a ansiedade quando ela abriu a porta da frente e entrou dentro da casa, pronta para ser repreendida e atacada.

Mas, estranhamente, isso não aconteceu.

Ela viu sua mãe e seu pai sentados à mesa da cozinha. Seu pai estava comendo manteiga de amendoim, biscoitos e folheando uma revista. Isso deu a seu coração um pouco de angústia, porque ele tinha comido merendas em manteiga de amendoim e biscoitos sempre, ao que parecia. Ele nem sequer olhou para ela, só empurrou outro biscoito na boca e mastigou.

Sua mãe estava em seu iPad, provavelmente jogando Angry Birds ou algo assim. Ela parecia concentrada e cansada.

Ela olhou para Caelyn e sua expressão nem sequer demonstrou qualquer emoção sem raiva, sem preocupação, nada.

- Hey - disse Caelyn, vindo lentamente para frente. Ela sentia como se tivesse pisado em algum escondido e estranho show de reality. Seus pais deveriam estar chateados, gritando, gritando e exigindo respostas. E onde estava Deena? Deena deveria ter estado ali, regozijando, enquanto observava sua irmã mais velha se fresada para fora.

Mas nada disso estava acontecendo, e Caelyn foi acionada.

- Coloque as chaves de Deena no balcão. - disse a mãe, olhando dela para o iPad mais uma vez.

Caelyn fez como lhe foi dito. - Desculpe eu levei o carro dela. A coisa é...

- Não temos qualquer interesse em ter esta discussão com você agora. - interrompeu a mãe.

Caelyn olhou para ela. - Por quê? O que está acontecendo?

Seu pai começou a espalhar manteiga de amendoim sobre um biscoito, lentamente, como um robô.

- Nada está acontecendo, Caelyn. - disse a mãe, com a voz cansada e fraca. - Agora é só ir lá em cima. Nós pode conversar amanhã.

- Isso é realmente estranho. Eu não entendo por que você está agindo assim.

Sua mãe não se preocupou responder, ela só voltou para o seu jogo. Caelyn podia ouvir uns poucos ruídos vindos do iPad enquanto a mão de sua mãe se arrastava para trás e para a frente, através da tela sensível ao toque.

Ela olhou para ambos os pais, com um sentimento de mal-estar caindo sobre ela. *Teria sido melhor se tivessem gritado e gritado*, ela pensou. Pelo menos isso teria sentido real e honesto, e normal.

Essa coisa de tratamento silencioso não era nada normal. Ela nunca tinha visto seus pais agir dessa forma e deu-lhe uma sensação de medo, como se houvesse algo terrível vindo em sua direção.

Mas não havia nada a ser feito sobre isso, então Caelyn simplesmente subiu as escadas. Ela parou do lado de fora quarto de Deeana e ouviu música tocando levemente lá dentro.

Deena estava cantando junto com uma música de Lady Gaga.

Caelyn sorriu, imaginando a nova dança de sua irmã ao redor e fingindo se apresentar para um público, como Caelyn tinha visto Deena fazer quando ela era criança.

Quando Deena tinha oito ou nove anos, ela praticamente adorava o chão que Caelyn pisava. Ela tinha estado bonita e ansiosa para agradar. Tanta coisa mudou desde então, e Caelyn queria nada mais do que ser capaz de entrar no quarto de Deena e conversar com ela sobre tudo o que aconteceu recentemente.

Parte dela honestamente considerou bater na porta e dizer que queria conversar.

Mas as coisas entre elas tinham ido demasiado azedo e além disso, Caelyn tinha roubado o carro de Deena. Ela não achou que Deena de repente iria decidir que queria sentar e trançar cabelo e falar sobre os meninos dos outros.

Então, Caelyn finalmente apenas entrou em seu próprio quarto, fechou a porta e sentou-se em sua cama, sentindo-se assustadoramente sozinha, realmente sozinha, pela primeira vez. Em poucos dias, ela conseguiu estragar sua vida escolar, sua vida romântica e agora até mesmo sua família não parecia querer muito a ver com ela.

Ela se perguntou se era assim que tudo começava. Às vezes, ela caminhava por uma pessoa sem-teto ou via alguém vagando por uma loja de conveniência falando em voz alta para si mesmo, e se perguntava o que a tinha trazido a esse ponto.

Você poderia supor que eram drogas, álcool, doença mental causada por uma condição genética, mas talvez, era apenas a vida. Talvez você realmente pudesse estragar as coisas tão mal que todo mundo que você se preocupava, virava as costas para você e toda a coisa desmoronava como um castelo de areia.

Ela não queria que seus pais a odiassem.

Ela sempre foi a boa garota, a responsável, a menina com quem poderia contar sobre as suas atribuições no momento. Agora tudo parecia estar mudando tão rápido, e ela não sabia o que fazer para voltar a ser como era.

Caelyn foi para o seu computador, se conectou ao e-mail e teve outra pontada no peito quando ela viu uma mensagem de Cambridge College. Foram apenas alguns e-mails simples informando que carros de estudantes teriam adesivos bem visíveis no estacionamento para evitar ser relatado pela polícia do campus.

Mas de alguma forma pouco estúpida, os e-mails trouxeram uma enxurrada de emoção para a superfície e mais uma vez Caelyn tinha lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

- Pare de ser a rainha do drama. - ela sussurrou, enxugando as lágrimas.

Mas era difícil. Parecia que anos se passaram desde que ela tinha sido apenas uma estudante universitária normal, não diferente do que qualquer outra pessoa, olhando para frente a suas aulas, tentando fazer amigos e talvez encontrar um menino bonito. Nunca tinha imaginado que tudo poderia mudar tão rapidamente e agora ela se sentia como se estivesse do lado de fora olhando para dentro. Com quem ela poderia falar? Quem poderia entender?

Impulsivamente, ela pegou seu celular e ligou para sua companheira de quarto, Alicia.

Depois de dois toques, Alicia pegou a linha. - Uau, eu não esperava nunca mais ouvi-la novamente.

- Não seja boba. - Caelyn respondeu, tentando forçar humor em sua voz.

- Onde está você? - Disse Alicia. - Flórida?

- Não, eu estou na casa dos meus pais, em Massachusetts.

- Isso é um choque. Eu achei que você nunca ia voltar.

- Alicia! - Disse Caelyn. - Você não achou que eu ia voltar para Boston sem chamá-la?

- Estou falando sério. Eu pensei que você estava se mudando para Siesta Key e estava servindo margaritas e fajitas para os turistas. Você parecia feliz o suficiente para ficar longe de tudo e de todos, em Cambridge.

- Nem todo mundo.

- Huh. Poderia ter me enganado. - A voz de Alicia era amarga e seu tom não era o amigável habitual.

- Você está louca?

- Não, Caelyn - ela disse, parecendo exasperada. - Eu não sou louca, mas eu estava estudando. Lembra-se de estudar? Classes? Testes? Alguns de nós ainda os fazemos.

Caelyn foi pega de surpresa. Ela não esperava que Alicia estivesse zangada com ela também. Mas parecia que todo mundo estava, então ela não deveria ter nenhuma razão para ficar chocada com isso.

- Eu estou com inveja de você. - disse Caelyn.

- Eu realmente não tenho tempo para isso agora. - Alicia suspirou. - Você vai voltar para a escola? Ou você só vai sair?

- Eu não sei ainda.

- Bem ... me chame quando você descobrir isso, Caelyn. - Alicia suspirou novamente. - Você sabe, é realmente uma porcaria não ter você por perto. E teria sido bom se você pudesse ter me avisado.

- Eu queria.

- Então por que não avisou?

Caelyn pensou sobre isso, mas não conseguiu descobrir qualquer coisa que ela pudesse dizer a ela que iria fazer sentido em tudo. - Olha, é complicado. Eu gostaria de poder apenas dar-lhe uma explicação simples.

- Claro, é tão complicado. Eu sou burra demais para entender. E, no entanto, de alguma forma eu ainda estou na escola e você não. Vai entender.

- Alicia...

- Eu tenho que ir. Eu tenho trabalho a fazer.

Caelyn arrancou o telefone se sentindo ainda pior do que antes. Os comentários que Alicia tinha feito a afetou muito. Mas Caelyn entendeu por que sua companheira de quarto tinha dito essas coisas. Ela ficou ferida, porque Caelyn tinha acabado de deixar a escola sem uma palavra de explicação, e agora Alicia sentiu que Caelyn não se importava com ela.

Ela entendia. Mas ainda era difícil e doloroso obter essa reação quando tudo parecia estar errado ao mesmo tempo.

Caelyn saiu do computador e se enrolou em seus lençóis na cama. Ela estava cansada, mas sua mente estava girando rápido demais para deixá-la dormir. Ela estava deprimida, mas nervosa. Foi uma das piores experiências que ela já teve, sabendo que estava realmente sozinha, sem ninguém para conversar ou de confiança.

Ela tentou pensar de Elijah, porque apenas o pensamento dele geralmente aliviou sua mente, mas mesmo ele parecia remoto e distante agora. Sua última conversa tinha sido um mal-entendido, e ele tinha agido como se não fosse incomodá-la mais.

O que iria acontecer com ele agora? Será que eles o deixariam fora da cadeia, desde que Jayson tinha retirado as acusações contra ele, ou eles iriam mantê-lo preso, afinal? Se ele saísse, será que ela já ouviria falar dele de novo?

Caelyn estava cansada de chorar. Ela gritou por dentro. Ela estava vazia. Vazia de medo, raiva, tristeza e traição.

Ela não tinha mais nada.

Ela estava flutuando.

Ela estava flutuando, insensível e de certa forma, foi um alívio.

***

Houve um zumbido de abelha voando ao redor de sua cabeça. Ela ouviu-o e começou a golpear, sentando-se na cama, assustada. Então, quando ela ganhou

seus sentidos alertas, Caelyn percebeu que não havia abelha, ela tinha estado a dormir e estava confusa.

Ela recebeu um par de mensagens de texto em seu telefone celular e foi isso que tinha provocado o zumbido.

Os textos eram de um número desconhecido com um código de área de Boston.

O primeiro disse:

É a sua luz acesa?

E, em seguida, um minuto depois:

Segundo janela do lado esquerdo?

Ela franziu a testa enquanto lia os textos. Era depois da meia-noite e eles dois eram dos últimos minutos. Quem teria escrito isso? Era uma piada, alguém tentando assustá-la?

Ela não tinha certeza sobre o que escrever de volta. Em vez disso, ela foi até a janela e olhou para fora. Havia uma caminhonete estacionada na calçada em frente à sua casa. Ela não podia dizer quem estava lá dentro, ou se eles tinham-na visto, olhando para fora.

Provavelmente tinham.

Ela se perguntava se era Jayson ou um de seus amigos.

Ela rapidamente se afastou da janela e fechou as cortinas, com o coração disparado.

Olhando para baixo em seu telefone celular, Caelyn viu que outra mensagem de texto tinha apenas aparecido.

Eu não poderia ficar longe.

Ela lambeu os lábios, sem saber o que fazer. Ela deveria acordar os pais dela, chamar a polícia, escrever de volta e dizer à pessoa para deixá-la sozinha?

Seus dedos congelaram na tela de toque, não sabendo o que fazer. Em seguida, outra mensagem veio.

Venha para fora. Eu quero falar com você.

Caelyn inalou, com a boca seca. Não havia nenhuma maneira que ela estava indo para fora agora. Ela só iria ignorar quem quer que fosse, até que eles a deixassem.

Era simples. Eventualmente, eles iriam embora.

Mas se não é Jayson ou um de seus amigos, será que é Elijah? Ela perguntou-se.

Ela não pensava assim. Por um lado, ele provavelmente estava na cadeia. E isso não era o seu SUV. Em cima desses fatos, Elijah parecia decidido a não entrar em contato com ela de novo por causa da maneira que ela o tinha tratado ao telefone. A última coisa que ele faria era simplesmente mostrar-se em sua casa, especialmente quando ele nem sabia onde ela morava.

Tinha de ser alguém, alguém que ela não queria conversar ou ver.

Ela esperou, tremendo na cama, fora da vista de sua janela. Suas mãos embalaram o telefone, observando para ver se mais textos viriam.

Em seguida, ela ouviu o bater de uma porta de carro, e sabia que quem quer que fosse, teriam saído da caminhonete.

Caelyn não pode resistir a obter um vislumbre da pessoa, ela se arrastou lentamente para o lado da janela e, em seguida, atingiu o pico através das cortinas.

Ele tinha vindo para ficar no gramado da frente, talvez a dez pés dos degraus. Estava escuro e ele estava banhado em sombra, mas de alguma forma ela estava familiarizada com ele, mesmo na escuridão.

Caelyn abafou um grito. Era Elijah, ela percebeu. Mesmo que ela não pudesse ver seu rosto, ela sabia.

Algo sobre a maneira como ele estava de pé, esperando por ela. Ela sabia que tinha que ser ele.

Caelyn correu para fora de seu quarto, descendo as escadas, sem se importar se alguém a ouvisse, e, em seguida, saiu correndo pela porta da frente de sua casa.

E se você estiver errada? Perguntou uma voz pequena. *E se for outra pessoa? Você poderia estar em perigo.*

Mas essa voz estava quase completamente abafada por sua necessidade de vê-lo novamente, ouvir sua voz, sentir sua presença.

Assim que ela saiu da casa, ela viu que era Elijah, em pé no gramado da frente. Ele sabia que ela estaria lá, sabia que ela estaria vindo para fora. De alguma forma, ele tinha acabado de saber.

Por um momento, ela não tinha certeza se deveria ficar ali sem jeito e dizer oi ou gritar com ele por enlouquecê-la, mostrando-se, assim do nada.

E então ela viu seu sorriso, aquele sorriso que ela se lembrava, o olhar que tinha-lhe dado força através de toda esta confusão e ela não se conteve. - Por que você não me disse que estava aqui? - Ela disse, jogando os braços em volta dele e abraçando-o, sentindo seu corpo quente contra o dela.

- Eu disse. - respondeu ele.

- Você não disse que era você!

- Eu achei que você saberia. Além disso, eu gostaria de mantê-la a adivinhando.

Ela abraçou-o com força e as lágrimas vieram à tona por suas bochechas. - Claro, eu estou chorando de novo. - ela riu, em meio às lágrimas.

Ele se afastou um pouco e olhou para ela, preocupado. - O que há de errado? - Disse. Ele colocou o polegar no seu rosto e enxugou algumas de suas lágrimas. - Diga-me o que aconteceu.

- Eu só estou aliviada ao vê-lo - ela disse a ele.

Ele estava vestindo jeans, um casaco de couro e um boné de beisebol. Ele parecia de algum modo mais áspero e perigoso do que quando ela o conheceu há poucos dias. Talvez, pensou ela, era porque ele estava de volta em casa, de volta para seus velhos hábitos.

- Estou feliz em ver você também, garota.

Ela não se incomodou em dar-lhe uma bronca por chamá-la de garota de novo. - Como você descobriu onde meus pais moram?

Ele riu. - Não é exatamente a ciência de foguetes. Seu celular está registrado em nome do seu pai e então uma busca bastante simples no Google me deu um endereço de rua.

- Quando você saiu? - Ela perguntou-lhe quando se afastou, passando a mão pelo cabelo. Ela estava ainda atordoada por vê-lo, na verdade, aqui, em pessoa.

- Apenas algumas horas atrás. Este é o primeiro lugar que eu vim quando eles me deixaram livre. Ele sorriu.

- Mas de quem é esse carro?

- Você tem um monte de perguntas, não é? - Ele riu. - Vamos lá - disse ele, tomando-lhe a mão. - Vamos conversar no carro.

Enquanto caminhavam para seu caminhão, ela se deliciava com a sensação da mão de Elijah enrolada em torno dela. Toda a miséria que ela estava sentindo, o peso do mundo em seus ombros, tudo se acabou.

Sentia-se leve como uma pluma, leve como o ar e o sorriso que ela tinha em seu rosto estava totalmente descontrolado. Ele era como um sonho e se fosse um sonho, ela estava determinada a não acordar.

Caelyn entrou no lado do passageiro e, em seguida, Elijah caminhou até o lado do motorista.

Quando ele entrou, Caelyn sentiu cheiro de goma de menta, uma pitada de fumaça de cigarro e couro velho.

O caminhão estava limpo, mas não tão limpo quanto o SUV tinha estado. Havia papéis e envelopes, um par de sacos do McDonalds no chão a seus pés.

Elijah entrou e se virou para olhar para ela. Ela queria tocar seu rosto, só para sentir sua pele, para saber ele era realmente real. Seus olhos escuros procuraram os dela, como se questionassem a mesma coisa.

E então ele sorriu para ela. - Eu sei que estava agindo como um louco, quando falamos ao telefone. Eu tinha estado confinado muito tempo e foi ficando difícil para mim, imaginando os próximos cinco anos, da minha vida, encarcerado. Longe de tudo. Longe...

Ela pensou que ele ia dizer, *longe de você*. Mas se ele ía, não se permitiu terminar a sentença.

- Eu entendo. - disse ela. - Eu teria me apavorado também.

Ele olhou para baixo por um momento. - Eu não achei que eu estaria fora tão cedo. O abandono do Estado é uma coisa, mas recebendo a acusação de assalto é outra lata de minhocas. Era praticamente garantido que eu estava indo de volta para a cadeia. Mas, então, hoje, do nada, eles vieram e me disseram que eu estava livre para ir.

- Só isso? - Disse.

Ele deu de ombros, seus olhos travaram nos dela, novamente. - Aparentemente, aquele idiota retirou as acusações contra mim. E o Estado da Flórida não vai levar adiante nada, então eu estava livre para ir.

Ela assentiu com a cabeça se perguntando se era um bom momento para dizer-lhe o que tinha feito. Mas não se sentia bem para dizer, então em vez disso ela disse: - Eu estou tão feliz por você, Elijah.

- Não acabou ainda. - ele disse, sua expressão se tornou mais séria. - Eu ainda vou ter uma audiência sobre a minha liberdade condicional, a violação por deixar o

Estado. Se eles decidirem que deixar o Estado e ir para Flórida é ruim o suficiente, eles vão colocar-me preso de qualquer maneira. Isso só me dá uma chance.

- Bem, já é alguma coisa. - disse ela, com seu coração afundando um pouco. - Quando é a sua audiência?

- Uma semana a partir de hoje. - Ele suspirou e balançou a cabeça. - Mas eu não quero falar sobre a minha audiência. - Ele ainda estava olhando para ela. - Eu quero falar sobre você, Caelyn.

Ela sentiu sua respiração em seu peito. Sentar perto dele era inacreditável.

Seu corpo inteiro estava quente, queimando, e ela sentiu que a energia entre eles só tinha se tornado mais forte apesar de terem sido afastados um do outro.

- O que há para dizer sobre mim? - Ela riu nervosamente. - Minha vida é uma merda.

- Não fale assim.

- Estou com medo. - ela admitiu. Dizê-lo em voz alta foi difícil, mas logo sentiu um peso sair de cima dela. - Todo mundo parece me odiar agora.

- Quem te odeia? - Ele exigiu.

- Minha família. Minha companheira de quarto na Universidade de Cambridge. - Ela pensou sobre Jayson, mas não se incomodou dizendo seu nome, especialmente desde que Jayson agora estava sob a impressão de que eles poderiam ser capazes de reavivar o seu o romance.

Uma impressão que ela tinha propositadamente ajudado a criar.

O sorriso de Elijah recuou e ele rangeu os dentes. - Eu não gosto de ouvir você dizer que as pessoas odeiam você. São essas pessoas que estão dando-lhe um tempo difícil?

- Minha irmã Deena está.

- Eu tenho um irmão e uma irmã, - disse Elijah, - então eu sei o que você quer dizer. - Ele colocou a mão em sua mão. - Mas por que os deixa magoar você?

Caelyn encolheu os ombros. - Eu tenho estado confusa desde então... o que me aconteceu no apartamento de Jayson. É como toda a minha confiança se foi.

- Ela vai voltar. Dê um tempo.

Ela olhou para ele, espantada. - Às vezes, você parece sábio, como um homem velho.

- Merda, muito obrigado. - disse ele, sarcástico, mas ainda de alguma forma satisfeito por baixo de tudo.

- Estou falando sério. Você parece que esteve onde estou. E é reconfortante. - Ela permitiu-se sentir o calor de sua mão cobrindo a dela. Isso foi ainda mais reconfortante. Tê-lo ao lado dela, real e em pessoa, parecia fazer tudo instantaneamente melhor.

- Você vai ficar bem, Caelyn.

- Como você sabe?

Ele ajeitou o boné de beisebol com a mão livre. - Eu apenas sei. Eu posso dizer muito de olhar para alguém, como eles se comportam, realizam-se, se eles têm qualquer espinha dorsal. Você tem espinha dorsal de sobra, garota.

- Ok, você precisa parar de me chamar de garota.

- É uma expressão de carinho.

- É estranho.

Eles olharam um para o outro por um longo tempo e Caelyn podia sentir a energia entre eles se intensificando, e seu coração acelerar junto com ele. De repente, ela estava nervosa e inquieta. Ela retirou a mão da dele, sem nem mesmo saber por quê.

Ela queria que ele a beijasse. Ela queria sentir seus braços em volta dela, seu peito pressionando contra o peito ela. Mas algo a assustava também. Era tão intenso e quase sentiu ser avassalador, como se ela pudesse afogar-se e se perder completamente.

Ela olhou para fora da janela do passageiro, na casa de seus pais.

- Eu não vou chamá-la de garota mais. - ele disse suavemente.

Ela exalou lentamente. - Eu não me importo com isso.

- Você tem estado estranha. - disse ele. - É como se uma parede subisse.

Ela olhou para ele, olhando-o profundamente Ele estava magro e relaxado no assento do motorista, sua forte mandíbula projetando-se ao vê-la. Sentia-se muito atraída por ele, mas aterrorizada tudo de novo. - Me desculpe, eu estou sendo estranha. - ela disse a ele. - Os últimos dias têm sido tão loucos, e eu sinto que talvez eu esteja enlouquecendo.

- Você não está enlouquecendo. Você está apenas, provavelmente, cansada e mentalmente exausta. Você precisa parar de tentar descobrir tudo.- disse a ela. - As coisas vão dar certo.

Agora, ela olhou para ele. - E se elas não derem?

- Elas apenas darão. Tudo em si funciona, de uma forma ou de outra. - Ele sorriu de repente. - Merda, olha para mim. Eu estava na prisão e parecia que eles estavam indo para jogar a chave fora. Algumas horas mais tarde, eu estava fora, livre como um pássaro.

Uma faísca rápida de frustração apertou seu estômago. - Isso não aconteceu por acaso. - disse ela.

Sua expressão ficou intrigada. - O que isso quer dizer?

- Isso significa que, você saiu porque eu fiz tudo o que pude para te tirar. - Instantaneamente ela lamentou dizer isso.

Os olhos de Elijah estreitaram. - O que você fez, Caelyn?

Suas mãos se agitaram com os dedos torcendo, enquanto ela pensava sobre como dizê-lo sem perturbá-lo. - Eu fiz alguma leitura on-line sobre as violações de liberdade condicional e tudo mais.

- É... - ele limpou a boca na sua mão. - E então?

- E eu descobri que se Jayson pressionasse com as acusações contra você, você definitivamente teria que ficar na cadeia. Então eu chamei Jayson.

Elijah fechou os olhos e apertou as mãos contra o volante. - Chamou o maldito?

Quando ele abriu os olhos e olhou para ela de novo, Caelyn ficou chocada com a intensidade em seus olhos escuros.

- Eu tive que convencê-lo a retirar a queixa. - disse ela, quase sussurrando.

- Por quê? Por que você teria algo a dizer a ele?

- Por sua causa. Eu não quero que você vá para a cadeia.

Ele olhou para ela, como se totalmente descrente do que ela estava dizendo. - Caelyn, ele não retirou as acusações só para ser um cara legal.

Ela tomou uma respiração profunda. - Não, ele não fez isso apenas para ser agradável. Eu lhe disse que iria retirar as acusações contra ele se ele retirasse as contra você.

Elijah colocou a mão sobre o rosto e gemeu. - Não, não, não.

Ela estendeu a mão e tocou seu ombro e, de repente, ele abriu a porta do carro e saiu. Antes que ela soubesse, Elijah começou a descer a rua, longe do caminhão.

Ele estava andando rápido, aparentemente tentando fugir dela. Caelyn saiu do carro e correu atrás dele. - Onde você está indo? - ela perguntou.

- Eu não posso acreditar que você fez isso, porra! - ele gritou por cima do ombro, para ela.

- Elijah! - ela gritou, respirando pesadamente quando chegou perto dele. - Pare de andar tão rápido. Espere um pouco.

- Você deve querer fazer-me ir e matar aquele canalha! - ele gritou.

Ela agarrou a parte de trás de seu casaco e ele girou sobre ela.

- Elijah

Ele agarrou-a pelos ombros, mas suas mãos estavam firmes e fortes contra ela. Ele estava olhando-a nos olhos, com os lábios perto dela. - Eu preferia ter pegado cinco anos do que deixá-la se prejudicar e cair por mim.

- Eu não entendo como queda.

- Você fez. Você deixou cair às acusações contra o cara que a estuprou. - Sua expressão parecia de nojo. – Agora, esse animal vai fugir tendo machucando você. Pelo menos, ele acha que ele vai. - Seus olhos se distanciaram, como se ele pensasse através de tudo.

- Elijah, você não pode fazer mais nada para machucar Jayson. Eu sei que você está com raiva, mas acabou.

Ele ainda estava segurando seus ombros. O rosto dele se aproximou tanto, que ela podia sentir seu hálito, sua pele e ela quase podia cair em seus olhos escuros. - Como eu posso deixar se ele te machucou? Eu mataria para proteger você.

- Eu não quero que você mate por mim. Eu estou bem.

- Você? - Disse. - Você está realmente bem?

Ela assentiu com a cabeça. - Eu estou agora. - disse ela, em voz baixa.

E então, ele a beijou. Suas mãos se moveram de seus ombros para segurar seu rosto, enquanto ele gentilmente tocou seus lábios nos dela.

Os lábios de Elijah era o mais suave que ela já sentiu. Eles eram como veludo, macio, quente e insistente, mas não excessivamente agressivo. Ele parecia estar feliz por beijá-la suavemente no início, enquanto suas mãos acariciavam suas bochechas e, em seguida, uma mão mudou-se para a parte de trás de sua cabeça.

O beijo de repente ficou mais intenso quando ele a puxou para mais perto dele. À noite em torno dela se sentia completamente maravilhosa, e ela disse a si mesma que ela iria se lembrar deste momento para sempre e sempre, até que o dia em que ela morresse e além.

Ele se afastou por um momento, olhando para ela.

Ela sorriu. - Eu estive esperando por isso. - ela disse a ele.

Sua boca se contorceu em um sorriso leve. - Você estava, né?

- Sim.

- O que mais você estava esperando?

Ela lambeu os lábios. - Eu não posso dizer agora.

- Não é possível ou não quer dizer?

- Os dois.

Ele riu e, em seguida, inclinou-se e começou a beijá-la de novo, desta vez com mais ênfase. Sua língua entrou em sua boca e ela podia sentir o gosto de hortelã, e seu corpo estremeceu com a sensação dele contra ela, sentindo a sua pele e sabendo que ele a queria.

Ela não teria pensado que era possível que pudesse querê-lo sexualmente, podia estar implorando para ele fazer muito mais para ela, mas não tão cedo depois do que Jayson tinha feito para ela.

Mas a verdade era que ela queria. O corpo dela estava respondendo, tudo dentro dela estava a responder, não se importando o que ela tinha passado ou qualquer uma de suas dúvidas e preocupações.

Seu corpo parecia exigir muito mais do que apenas um simples beijo.

Tudo parecia apertado e pronto, esperando como uma mola e tudo o que precisava era de Elijah para virar a chave e...

Ela gemeu quando sua língua trabalhava lentamente seu caminho dentro e fora de sua boca e ela passou as mãos para baixo no comprimento do seu peito, ao seu abdômen duro e firme.

Só lhe ocorreu que eles estavam de pé na rua, quando ouviu o carro se aproximando para perto, atrás deles e sentiu os faróis iluminando-os. Ela virou-se para a luz ofuscante.

- Oh, desculpe. - ela gritou, se retirando da estrada, em direção ao meio-fio.

Elijah mudou-se com ela.

O carro se arrastou lentamente para frente alguns metros, mas não estava indo muito rápido. Como os faróis escureceram sua visão, Caelyn de repente percebeu de quem era o carro.

- Oh, merda. - disse ela em voz baixa.

Elijah olhou para ela. - O quê? O que é isso?

- Os meus pais. - disse ela. Seu estômago se apertou com medo.

O carro parou de novo e a porta se abriu. Seu pai saiu em primeiro lugar e ficou claro que ele tinha se vestido às pressas. Ele estava vestindo jeans e uma camiseta, e seu cabelo estava uma bagunça. Ele olhou cautelosamente para Elijah. - Por favor, passe longe da minha filha; - ele disse em voz alta, sua voz estava rouca com a tensão.

Elijah olhou para Caelyn, em seguida colocou as mãos para cima e deu alguns passos para trás.

- Ei, eu não estou aqui para causar problemas, Senhor.

- Você é o quê? - Ele disse e Caelyn colocou as mãos sobre a boca. Ela nunca tinha visto seu pai como estava. Ele estava completamente furioso.

- Eu só vim aqui como amigo de Caelyn. - disse Elijah.

- Você é o seu novo amigo? - Seu pai riu amargamente. - Isso é maravilhoso. Claro, estou aliviado.

- Você deveria estar aliviado. - Elijah replicou. - Eu estou cuidando dela.

"Eu não estou interessado em qualquer coisa que você tem a dizer," o pai respondeu, então olhou para Caelyn. "Caelyn, vamos lá." Ele apontou para o carro.

- Pai, está tudo bem. Elijah é meu amigo e ele é perfeitamente legal. Nada de ruim está acontecendo. - disse ela, tentando desesperadamente não deixar a coisa toda ficar pior do que já estava. - Basta ir para casa, eu vou estar em poucos minutos.

Seu pai sacudiu a cabeça. - Não. - Sua voz se levantou. - Não. Não. - Ele balançou a cabeça novamente. - Você sabe como estamos preocupados? Você sabe o que seu comportamento está fazendo a sua mãe? Você não parou para pensar por um minuto sobre ninguém, mas apenas em si mesma?

Ele estava praticamente gritando agora.

Elijah se colocou entre eles. - Agora é só se acalmar. - disse ele. - Isso está ficando muito intenso. Caelyn não fez nada de errado. Nós só estávamos conversando.

O pai olhou para Elijah. - Eu não sei com quem você pensa que está falando. - disse ele. - Mas eu não estou ficando muito intenso. Eu sou o pai desta jovem. Isso significa que se eu decidir que ela precisa voltar para casa, então ela precisa voltar para casa. Eu não vou deixá-la para se destacar em uma rua escura com algum punk

- Pai, por favor! - disse Caelyn.

Elijah riu e virou as costas para seu pai, balançando a cabeça. - Esqueça isso, eu não posso falar com esse cara.

- Elijah, não de ouvidos a ele. - disse ela. - Ele está apenas chateado e preocupado.

- Não, Elijah, não, por favor, me escute. - disse o pai. - É melhor você entrar em sua maldita caminhonete estacionada em frente da minha casa e dirija de volta para onde diabos você veio.

- Pai, o que está fazendo? - Gritou Caelyn. - Pare com isso!

Agora a mãe de Caelyn saiu do carro. Ela estava vestindo um roupão e ela amarrou-o firmemente em torno si mesma. Seu cabelo estava puxado para trás e ela parecia completamente exausta.

- Entra no carro, agora. - ela disse.

- Não. - respondeu Caelyn. - Eu sou uma adulta.

- Então, comece a agir como uma. Os adultos não fogem para a Flórida. Os adultos não roubam carros e fogem de casa à noite para ir às carícias com um rapaz estranho, no meio do bairro!

Caelyn quase riu da expressão “carícias", mas se conteve.

Elijah balançou a cabeça novamente, o sorriso óbvio em seu rosto.

A mãe de Caelyn virou-se para ele. - Você acha que isso é engraçado?

Ele olhou para ela. - Não, senhora. - respondeu ele, mas seu tom de voz não era tão respeitoso.

- Não é engraçado. Esta é a nossa filha. E ela tem um namorado, você sabe.

O sorriso de Elijah desapareceu. Ele olhou para Caelyn. - O quê? Namorado?

- Isso é certo. Eu não sei o que ela lhe disse, mas ela está vendo um jovem maravilhoso na faculdade. Eu me pergunto o que Jayson pensaria se ele soubesse o que estava fazendo atrás das costas, Caelyn.

Caelyn baixou a cabeça. - Mãe, você não sabe o que diabos você está falando.

Elijah cruzou os braços. - Talvez eu seja louco, mas eu tenho certeza que Caelyn não está vendo Jayson mais.

O rosto de sua mãe estava totalmente branco, as pupilas tão grandes como brasas nos olhos.

- Ele está dizendo a verdade? Você mentiu para mim sobre Jayson?

- Mamãe, por que você se importa tanto com Jayson?- Caelyn gritou.

Sua mãe recuou. Ela olhou em volta, nervosamente. - Abaixe sua voz. Os vizinhos...

- Oh, foda-se os vizinhos! - Caelyn gritou. - A única razão que você pensa que Jayson é tão maravilhoso, é porque você sabe que ele tem uma família poderosa e rica e está em Cambridge.

Caelyn continuou, apenas soltando as palavras, ela ficou tão enfurecida.

- Isso não é verdade. - disse a mãe.

- É verdade. Você assumiu que ele era bom, e eu também, mas ele não era bom. Ele é mal! Ele é nojento, Elijah é bom e gentil e você assumiu o pior por causa da maneira como ele se veste e o carro que ele dirige

- Porque Jayson é mal? O que você está falando? - Seu pai disse.

Ela virou-se para Elijah e enterrou seu rosto contra seu peito, soluçando. Ela estava com tanta raiva, mágoa e enojada com tudo. Ela sentiu os braços fortes, poderosos circundando-a, segurando-a.

- O que ela está falando? - Sua mãe disse e sua voz estava embargada pela descrença.

- Ouça - disse Elijah, ainda segurando Caelyn. - Sua filha já passou por muita coisa e eu acho que ela não disse a você sobre isso, ainda.

- E ela disse a você?

- Sim, ela disse.

- Isso é um absurdo- a mãe de Caelyn respondeu. - Por favor, deixe-a ir agora.

- Talvez ela devesse ter lhe contado o que esse cara ótimo Jason fez com ela: - Elijah cuspiu.

- Talvez você teria sido muito mais agradável com ela. Então, novamente, talvez não.

- O que ele fez? Será que alguém vai nos responder?

- Não é o meu direito fazer. - disse Elijah.

Caelyn virou-se, olhando para seus pais. - Jayson me estuprou. Ok? Agora vocês sabem Ok?

O rosto de sua mãe ficou ainda mais pálido, se isso era possível. Ela gaguejou. - Isso não faz sentido. Por que você não disse nada? Por que fingiu que estava tudo bem entre vocês dois?

- Porque eu não queria lidar com você. Eu não acho que eu poderia confiar em você.

- Bem, não posso dizer que me sinto diferente sobre você. - respondeu a mãe. - Até agora, tudo o que você fez foi dizer mentira para nós. Como eu sei que isso não é mais uma mentira?

Caelyn estava prestes a responder, mas Elijah saiu da frente dela. - Desculpe-me, mas o que você disse agora é um barro absoluto de merda.

De repente, o pai de Caelyn soltou um grito estrangulado e atacou Elijah, dando socos com todos os braços. Elijah esquivou-se facilmente para fora do caminho, das tentativas desajeitadas de seu pai para acertá-lo, desviando-se dos golpes. Seu pai tentou agarrar a ele e Elijah habilmente mudou de lado novamente, o que fez com que seu pai caísse para frente sobre os joelhos.

Só então, a porta da frente de uma casa próxima abriu e uma voz gritou para eles. - Eu estou indo chamar a polícia, se vocês não pararem tudo o que vocês estão fazendo ai fora!

A mãe de Caelyn estava ajudando o pai a se levantar.

Elijah levantou as mãos mais uma vez. - Isso é suficiente para mim. Eu estou indo. - Ele começou a se afastar. - Eu vou chamá-la, Caelyn. - ele disse a ela.

- Não, você não vai. - sua mãe gritou para ele. - Não a chame nunca mais! Não vamos deixá-la falar com você! Você é um vicioso, punk desagradável!

- Mãe, para com isso. - disse Caelyn, pelo o que parecia ser a milionésima vez.

- Eu não vou parar.

Elijah estava ficando cada vez mais longe agora, provavelmente voltando para sua caminhonete. Odiava vê-lo ir. Foi como uma faca em seu coração. Ele mais uma vez tentou levantar-se para ela, apenas para ser cortado para baixo por sua tentativa.

O pai de Caelyn estava escovando as calças. - Deus, maldito punk.

- Esse menino é uma má notícia. - disse a mãe. - Dará muito trabalho.

Caelyn olhou para longe, enquanto Elijah desaparecia na escuridão da noite.

Ela estava vazia por dentro.

- Entra no carro, Caelyn. Agora . - disse a mãe, apontando.

Caelyn se sentiu abatida. Ela não tinha energia para gastar numa luta. Lentamente, ela caminhou de volta para seu carro, mesmo que sua casa era apenas um ou dois minutos a pé.

Ela iria entrar no carro, ser levada para casa e então eles diriam o que quisessem a ela.

Ela não iria lutar. Ela estava cansada de lutar, cansada de perder.

Os pais de Caelyn ficaram na frente e então ela abriu a porta de trás. Ela estava prestes a entrar, quando um par de faróis deu a volta na curva da estrada. Caelyn estava lá e viu os faróis quando o carro se aproximou.

Era a caminhonete de Elijah. Parte dela tinha a intenção de ficar ali e vê-lo ir. Mas outra parte tinha outras ideias.

De repente, sem sequer pensar nisso, ela saltou longe do carro de seus pais e acenou para ele.

Ele diminuiu a velocidade e, em seguida, levou o carro a uma parada rápida, sua janela abaixou quando ela veio até ele.

- Espere um segundo, Elijah. - disse ela, sem fôlego.

Ele sorriu suavemente para ela. - Eu não podia ficar por aqui, porque eu não posso arriscar ser preso novamente. - disse ele a ela. - Mas eu te ligo.

- Não. - ela disse. - Você não vai me ligar.

Suas sobrancelhas se ergueram. - Por que não?

- Porque - ela disse - Eu vou com você.

O olhar em seu rosto era quase cômico. - Eu não tenho certeza que você sabe onde você está se metendo.

- Eu não me importo - respondeu ela. - Eu só sei que eu quero. - E então ela foi correndo para a porta do lado do passageiro e entrou.

- Tem certeza? - Perguntou ele, que tinha um leve sorriso de volta em seu rosto mais uma vez.

- Cem por cento.

- Ok. - ele suspirou, dando-lhe um olhar de soslaio, quando ela deslizou para o assento ao lado dele e fechou a porta. - Eu acho que isso está realmente acontecendo.

- Assustado? - ela perguntou a ele.

Ele riu e, em seguida, mudou a marcha e pisou no acelerador. Cantando a borracha dos pneus, fugiu de seus pais.

- Eu não fico com medo. - ele disse a ela. - Só não diga que eu não avisei.

FIM DO LIVRO #2

Próximos livros:

Livro #3: Wild(em revisão)
Livro #4: Wrong(em revisão)
Livro #5: Ache(em revisão)
Livro #6: Raw(em revisão)